O LIVRO DOS NÚMEROS - INTRODUÇÃO

Números é o quarto livro da Bíblia. Tem esse nome porque nele existem dois censos, um feito no segundo ano depois da saída do Egito e outro, já perto do final, quando os israelitas estavam prestes a chegar a Canaã. Entre os dois censos, muitas historinhas interessantes, que eu espero que rendam mais caldo do que aquela monotonia sem fim do Levítico. E que eu termine logo, porque o livro seguinte, Deuteronômio, é uma pedreira quase tão dura quando o Levítico, ainda mais por causa das repetições.

A PRIMEIRA CONTAGEM DO POVO *(NUMEROZUM)*

Terminado todo aquele lenga-lenga de leis e castigos do Levítico, Moisés e Arão resolveram descansar um pouco. Merecido descanso, diga-se: Imaginem o stress de lidar diariamente com uma divindade com alma de *prima donna*.

Mas é claro que Javé não ia deixar os dois descansarem por muito tempo. Uma noite estavam os dois jogando Doom em rede (ainda não existia Counter Strike naquela época), quando Moisés ouviu o inconfundível *"Oh-oh"* do ICQ. Era deus:

O fodão (08:45 PM) :
E aí, Moisés. Blz?
Moisa (08:45 PM) :
Blz.
O fodão (08:47 PM) :
Jogando Doom, né?
Moisa (08:48 PM) :
Como cê sabe?
O fodão (08:48 PM) :
Eu sei tudo. Eu sou é deus, porra. DEUS!
Moisa (08:48 PM) :
É, tô ligado. Que que manda, Javé?
O fodão (08:52 PM) :
Pois é, rapaz... Tava pensando num negócio aqui. Acho que seria importante a gente fazer um censo aí no acampamento, ver quantos homens em idade para o serviço militar nós temos.
Moisa (08:52 PM) :
Ué, pra quê?
O fodão (08:55 PM) :
Oras, pra quê! Cê acha que entrar em Canaã vai ser um passeio? Vai ser pedreira o negócio lá, os caras não vão entregar as terras deles de graça pra vocês. Cês vão ter que guerrear.
Moisa (08:56 PM) :
É, faz sentido. Mas então cê quer que eu e o Arão contemos o povo todo, é isso?

O fodão (09:00 PM) :

Porra, Moisés, cê tem uma puta imagem negativa a meu respeito. Nunca que eu ia botar dois velhos caducos feito vocês pra fazerem esse trabalho sozinhos. Escolhi um cara de cada tribo pra ajudar vocês. Quer anotar?

Moisa (09:01 PM) :

Não preciso anotar, porra. ICQ tem histórico.

O fodão (09:08 PM) :

Ah, é. Então lá vai:

Ruben - Elisur, filho de Sedeur

Simeão - Selumiel, filho de Zurisadai

Moisa (09:08 PM) :

Eita nomezinhos... rs...

O fodão (09:13 PM) :

Moisés, esse negócio de "rs" me irrita profundamente. Deixa eu continuar essa porra...

Judá - Nasom, filho de Aminadabe

Issacar - Netanel, filho de Zuar

Zebulom - Eliabe, filho de Helom

Efraim - Elisama, filho de Amiúde

Moisa (09:13 PM) :

Peraí! Sério que o nome do pai do cara é Amiúde?

O fodão (09:18 PM) :

Pois é, não sei de onde tiraram esse nome. Deve ser daquela música do Zé Ramalho. Mas pára de me interromper, caralho...

Manassés - Gamaliel, filho de Pedasur

Benjamim - Abidã, filho de Gideoni

Dã - Aiezer, filho de Amisadai

Aser - Pagiel, filho de Ocrã

Gade - Eliasafe, filho de Deuel

Naftali - Aira, filho de Enã

Pronto, são esses.

Moisa (09:20 PM) :

Legal. Então, quando começamos?

O fodão (09:20 PM) :

Com assim "quando"??? Amanhã mesmo!

Moisa (09:20 PM) :

Bah.

O fodão (09:21 PM) :

Não reclama... Ô, Moisés. Gosto de falar com você pelo ICQ.

Moisa (09:21 PM) :

É mesmo? Por quê?

O fodão (09:25 AM) :

Porque aqui pelo menos você não gagueja. Sua gagueira me irrita... Bom, vou nessa. Té mais.

Moisa (09:26 PM) :
Falô.

— Ô A-Arão!

— Quié?

— P-pára de a-atirar em m-mim, po-porra! O Ja-Javé tem um t-trabalho p-pra n-nós.

— Mas já??? Que trabalho?

— P-peraí que v-vou t-te m-mandar o hi-histórico do ICQ... R-recebeu?

— Vixe. Contar macho? E ainda com a ajuda de um monte de nego com nome esquisito? Trabalhinho feladaputa...

— P-pois é. M-mas cê v-vai q-querer di-discutir com o c-cara?

— Eu não.

— N-nem eu. B-bom, vou d-dormir. A-amanhã va-vamos precisar a-acordar b-bem ce-cedo.

— É, também vou.

No dia seguinte, Moisés, Arão e os doze chefes tribais reuniram o povo e começaram a contagem e cadastramento de todos os homens com mais de vinte anos. Findo o trabalho, tinham nas mãos este resultado:

— U-ufa... D-demorou mas t-terminamos.

— É. Hum... 603.550 homens. É homem a dar com o pau. Mas... Moisés, não tá faltando nada não?

— A-acho que n-não.

— Claro que tá! Cadê a nossa tribo? Esquecemos de contar os levitas!

— A-ai ca-caralho... P-peraí, vou li-ligar pro Ja-Javé... Alô, Ja-Javé?

— Fala, Moisés.

— Sa-sabe a-aquela li-lista que cê me pa-passou?

— Sei. Que tem ela?

— Cê e-esqueceu de i-incluir os le-levitas nela.

— Esqueci nada, Moisés. Cê não lembra daquele negócio que a gente combinou sobre a tribo de Levi? Que eles não iam ter um território para eles em Canaã, porque vão ser totalmente dedicados ao trabalho do Tabernáculo? Putz, isso deu uma trabalheira, tive até que dividir a tribo de José em duas, Efraim e Manassés, para permanecerem doze tribos no mapa. Mas então: Os levitas são sacerdotes, não soldados. Eles não vão lutar quando vocês chegarem a Canaã, então não precisam ser contados.

— Ah... E-entendi.

— Eu não dou ponto sem nó, Moisés. Mas avisa pros levitas que nem por isso a vida deles vai ser mole. Quando a tenda tiver que ser desarmada pra vocês viajarem, os levitas farão esse trabalho, assim como a rearmação dela quando acamparem novamente. E ao contrário dos outros israelitas, que acamparão cada um perto da bandeira de sua tribo, os levitas vão acampar ao redor do Tabernáculo, para guardá-lo.

— T-tá bom e-então.

— Mais alguma dúvida?

— N-não.

— Então já tá pronto o censo?

— J-já.

— Assim que eu gosto, Moisés! Eficiência. Bom, então já podemos partir pra outras atividades.

— Q-que que é a-agora?

— Ah, vai descansar um pouco. Vai com o Arão até o Tabernáculo amanhã à tarde, aí a gente conversa.

— Be-beleza.

— Até amanhã, Moisés.

— T-tchau.

A ORDEM DAS TRIBOS NO ACAMPAMENTO *(NÚMEROS 2)*

Na tarde do dia posterior ao recenseamento, Moisés e Arão foram até o Tabernáculo para falar com deus.

— Boa tarde, Javé.

— Opa. E aí, tudo beleza?

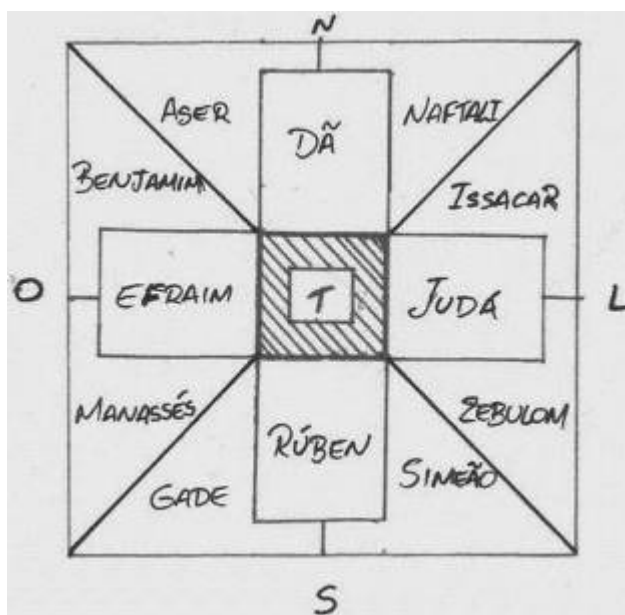
— T-tudo certo. O q-que vo-você q-quer da ge-gente a-agora?

— Ah, um outro censo. Eu quero que vocês contem os grãos de areia do deserto.

— HEIN????

— Hehehe. Brincadeira, Arão. Relaxa. Eu chamei vocês aqui pra falar um pouco sobre a ordem no acampamento. Tá uma zona isso aí, cada um acampa onde quer, assim não dá.

— Ah, mas ontem cê falou aquele lance de cada um acampar perto da bandeira de sua tribo. Já vamos implantar isso aí.

— Muito bom, mas não basta. Cês têm que acampar numa certa ordem, que é pra quando chegarem a Canaã já terem uma estratégia de invasão. Então fiz esse esqueminha aqui. Não reparem não, é só um rascunho pra dar uma idéia de como será a distribuição das tribos pelo acampamento:

— A-até que t-tá bem f-feitinho, Ja-Javé.

— Valeu, Moisés. Bom, cês dois são meio burros, então deixa eu explicar algumas coisas: As letras nos quatro lados são os pontos cardeais. Leste, Oeste, Norte, Sul. O "T" no centro é onde vai ficar o Tabernáculo. A área hachurada é onde os levitas vão acampar. Tão entendendo?

— Claro.

— F-fácil.

— Tá. Então como vocês podem ver, dividi os homens das doze tribos em quatro exércitos. Aqui ao leste vai acampar o exército de Judá, formado pelas tribos de Judá, Issacar e Zebulom. As três tribos juntas perfazem um total de... Moisés, cadê o resultado do censo? Obrigado. Deixa eu ver... Um total de 186.400 homens. Esse exército é muito importante, porque será o primeiro a marchar quando vocês levantarem acampamento. O segundo exército a marchar será o de Rúben, acampado ao sul do Tabernáculo e formado por Rúben, Simeão e Gade, num total de 151.450 homens.

— Tá, Javé. Já entendemos. Os exércitos vão sair em sentido anti-horário, fácil: Judá, Rúben, Efraim e Dã. Não precisa explicar.

— Ah, é? E os levitas, Arão? Vão ficar pra trás?

— ...

— Cê se acha muito esperto... Melhor calar a boca e prestar atenção, que depois cês vão ter que explicar tudo isso pro povão lá fora. Bom, depois do exército de Rúben, sairão os levitas carregando o Tabernáculo desmontado. Os levitas marcharão no meio dos exércitos, para ficarem bem protegidos. Aí sim, depois dos levitas marchará o exército efraimita de 108.100 homens das tribos de Efraim, Manassés e Benjamim. Por último, o exército de Dã, formado pelos 157.600 homens das tribos de Dã, Aser e Naftali. Entenderam?

— S-sim, Ja-Javé. M-mas p-por que essa c-coisa toda?

— Porque vocês têm que começar desde agora a se preparar para a tomada de Canaã. E isso vai exigir estratégia e disciplina militar dos seus homens.

— E-então acabou a-aquele p-papo de ri-rituais e c-coisa e tal?

— Claro que não! Eu quero garantir que vocês vão puxar bastante o meu saco. Mas não vai adiantar nada se não tiverem uma terra para morar, por isso tenho que dar uma aliviada na parte de religião por enquanto, pra enfatizar assuntos militares e políticos. Mas logo logo eu passo outras leis para vocês, podem esperar.

— S-saco...

— Não chia.

OS LEVITAS *(NÚMEROS 3)*

Não. De uma vez por todas: Os levitas **NÃO SÃO** caras que levitam. Levitas são os descendentes de Levi, filho de Jacó. Dito isso, vamos em frente.

O terceiro capítulo começa dizendo que Arão tinha quatro filhos: Nadabe, Abiú, Eleazar e Itamar. Nadabe e Abiú, como já vimos, foram mortos por deus num ataque de baitolagem congênita. Eles não tinham filhos, então Eleazar e Itamar serviram como sacerdotes durante a vida de Arão. Guardaram bem isso? Mas bem mesmo? Então tá. Podem esquecer, que não vai servir pra nada.

Bom, então deus chamou Moisés e Arão:

— E aí, seus songo-mongos. Lembra que eu falei que os levitas seriam dedicados ao serviço do Tabernáculo?

— T-toda hora cê f-fala isso, Ja-Javé.

— Falo quantas vezes eu quiser. Oras. Então é o seguinte: Cês vão chamar os levitas e dizer a eles que acabou a vida mansa: a partir de agora eles são funcionários de deus. Vão cuidar de tudo que for relativo ao Tabernáculo. Qualquer não-levita que resolver trabalhar aqui será morto.

— ...

— Ué! Não vão reclamar? Não vão falar que condenar uma pessoa à morte por uma bobagem dessas já é demais?

— Nah. Já estamos acostumados.

— Isso aí! Assim que eu gosto. Mas deixa eu explicar esse lance dos levitas: Quando eu tirei vocês do Egito, matei todos os primogênitos egípcios, tão lembrados? Então. Aí depois eu disse que todos os primogênitos do povo de Israel seriam dedicados a mim, assim como as primeiras crias de todos os animais. Lembram disso?

— C-claro.

— Então eu tava pensando: Controlar isso vai ser um inferno. Então vamos fazer assim: Os levitas serão dedicados a mim no lugar dos primogênitos, e seus animais todos serão dedicados em vez das primeiras crias dos animais do povo.

— Boa saída.

— Eu sou foda, Arão. Mas para fazer esse negócio direito, vou precisar de uma ajuda de vocês...

— Ai... Lá v-vamos nós c-contar m-macho de no-novo...

— Como é que cê adivinhou??? Pois é. Cês vão contar todos os levitas com mais de um mês de idade.

— Com mais de um mês??? Puta merda, vai dar um trabalho do cão isso aí.

— Não chia...

— Tá. E depois?

— Façam a contagem primeiro. Depois a gente vê.

Então Arão e Moisés começaram a contar os levitas. Para facilitar o trabalho, dividiram a tribo em três grupos. Essa divisão foi feita baseada na genealogia de Levi, que teve três filhos: Gérson, Coate e Merari. Então assim foram divididos os levitas, de acordo com o filho de Levi do qual descendiam: gersonitas, coatitas e meraritas. Não reclamem, eu não inventei esses nomes. A contagem ficou assim (o Excel tem sido uma mão na roda pra escrever o livro de Números):

Grupo	População	Líder	Responsabilidades
Gersonitas	7.500	Eliasafe, filho de Lael	A tenda, suas coberturas interna e externa, cortinas da entrada e do pátio
Coatitas	8.600	Elisafã, filho de Uziel	A Arca, a mesa, o candelabro, os altares e todos os utensílios
Meraritas	6.200	Zuriel, filho de Abiail	Tábuas, vigas, colunas, bases, estacas, cordas e todos os seus utensílios

O chefe desses três líderes aí em cima era o Eleazar, filho de Arão. E a distribuição desse povo ficaria assim: Os gersonitas acampariam atrás da tenda (que ficava a oeste), coatitas ao sul, meraritas ao norte e as famílias de Moisés e Arão ao leste, que era onde ficava a porta do Tabernáculo.

Bom, dadas todas essa informações profundamente inúteis, resta dizer que os dois foram levar o resultado da contagem para Javé. E ele, claro, já inventou outra coisa para eles fazerem:

— Bom. Muito bom. Agora cês vão fazer outra coisinha: Contar todos os primogênitos do povo com mais de um mês de idade. Quantos levitas vocês contaram?

— Vinte e dois mil e trezentos.

— Pois bem. Se o número de primogênitos for maior que o número de levitas (e eu tenho quase certeza que é), você, Moisés, pagará a Arão e seus filhos cinco moedas de prata para cada primogênito excedente.

— P-por que eu???

— Bah! Arão, cê tá de acordo?

— Claro.

— Dois a um, votação encerrada.

— M-mas...

— Mas nada. Vão lá contar os caras, que eu tenho pressa.

Os dois foram fazer a contagem e voltaram com um resultado não muito bom.

— 22.273?

— É. T-tem mais le-levita que p-primogênito. E a-agora?

— Ué, quem falou que tem mais levita que primogênito? São 22.273 primogênitos contra 22 mil levitas.

— V-vinte e d-dois mil e t-trezentos!

— Que porra é essa? Luiz Gonzaga? "Eu lhe dei vinte mil réis/Pra pagar três e trezentos/Você tem que me voltar..."

— V-VINTE E D-DOIS M-MIL E T-TREZENTOS!

— Não, não é assim a música.

— N-não tô fa-falando da m-música! N-nós contamos 22.300 le-levitas!

— Foi mesmo? Pra mim eram 22 mil. Arão, cê lembra quantos levitas eram?

— Hum... 22 mil. Tá aqui, ó.

— A-Arão, cê t-tá r-roubando!

— Porra, Moisés, cê já tá bem velho pra ficar brigando com seu irmão por causa de bobagens. Paga logo pro Arão a prata correspondente aos 273 primogênitos a mais. Sendo cinco moedas de prata por cada um... Quanto dá isso, Arão?

— Arredondando, dá quinze quilos e meio.

— Legal. Moisés, pesa a prata aí e paga seu irmão.

— M-mas...

— TÔ MANDANDO, PORRA!

Moisés, sabendo que não valia a pena discutir, saiu para pesar a prata.

— HAHAHAHAHA! Boa essa, Javé!

— Eu sou o melhor, Arão! Então, vamos dividir essa prata aí. 60% pra mim, 40% pra você e seus filhos.

— Porra, Javé. Por que não meio a meio?

— E por que não fulminar você com um raio agora mesmo?

— ...

— Sabia que você ia concordar.

OS DEVERES DOS LEVITAS *(NÚMEROS 4)*

— E aí, Moisés? Já entregou a prata pro Arão?

— Hu-humpf...

— Hehehe. Bom, vamos definir mais umas coisinhas aqui sobre os deveres dos levitas. Vocês fizeram a contagem por grupos de idades?

— Por grupos de idades? Ué, você não pediu isso...

— Vocês têm que ser mais espertos! Têm que se antecipar! Tão pensando o quê? Tem muita gente de olho nesses cargos. Cês sabem como é o mercado: É um ninho de cobras! Eu mando vocês embora e terceirizo essa porra pela metade do preço!

— T-tá, Ja-Javé. C-calma. O que v-você quer a-agora?

— Eu quero que vocês agora contem apenas os levitas com idade entre trinta e cinqüenta anos. Mas vê lá, hein? Não vão contar surdos, cegos, doidos, aleijados. Porque esses serão os homens que trabalharão diretamente com as coisas do Tabernáculo, têm que ser aptos ao trabalho.

— Bom. Não vai ser tão difícil.

— Eita! Que disposição é essa, Arão? Tudo isso é medo de perder essa boquinha de sumo-sacerdote? Eu tava brincando! Relaxa, nêga! Mas como eu dizia: Vou dividir as tarefas entre os três grupos dos levitas.

— Ah, m-mas i-isso cê j-já p-pode fa-fazer a-agora.

— Hum... Tem razão, Moisés. Até que às vezes essa sua cabeça dura funciona. Então vamos lá. Pra começar, os coatitas. Esses caras serão responsáveis pelas coisas santíssimas do Tabernáculo. Quando vocês forem levantar acampamento, Arão e seus filhos abaixarão o véu que separa o Lugar Santo do Santíssimo, e cobrirão a Arca com ele. Por cima do véu vocês vão colocar uma coberta de peles finas, e por cima da coberta um pano azul. Feito isso, passarão os varais para transportes pelas argolas da Arca. E assim farão com a mesa dos pães, os altares de incenso e de holocaustos, o candelabro e todos os utensílios. Quero tudo embrulhado em pano vermelho e azul e em cobertas de peles finas. Só depois que tiver tudo pronto pra mudança é que os coatitas poderão entrar para começar o transporte da tralha toda. Mas com muito cuidado para não ver nem tocar nada. Se o fizerem, morrerão. Só os sacerdotes podem ter contato com essas coisas. Pra garantir que ninguém faça besteira, Arão e seus filhos vão coordenar todo esse lance aí do transporte. E Eleazar, filho mais velho do Arão, ficará encarregado do azeite da lamparina, do incenso, da oferta de cereais e do azeite de ungir. Tão entendendo?

— Bah, é o de sempre: Ou faz do seu jeito ou morre.

— É isso aí. Bom, aí tem o outro grupo lá. Os gersonitas. Como eu já disse, eles vão ficar encarregados de transportar as cortinas, véus, cordas. Tudo isso sob orientação dos sacerdotes, sempre. Aquele seu outro filho, Arão... Qual é mesmo o nome daquele mané?

— Itamar.

— Esse aí. O Itamar vai coordenar o trabalho dos gersonitas no transporte dos trens sob responsabilidade deles. Bom. Aí tem os outros caras lá. Os meta... mela... me...

— Me-meraritas.

— Isso. Os memeraritas.

— N-não. Me-meraritas.

— Foi o que eu disse. Memeraritas.

— Não s-são m-m-m-me-memeraritas. São ME-MERARITAS.

— Arão, traduz pra mim o que teu irmão tá dizendo antes que eu acabe com a raça dele...

— Meraritas, Javé.

— Ah, é. Então, os meraritas. O trabalho desses caras será o mais pesado: vão carregar todas as tábuas, colunas, estacas, bases. Enfim, todo o madeirame da tenda. O fulano lá... Como é o nome?

— Itamar.

— É. O Itamar vai coordenar o trabalho desses caras também. Deixa ver, deixa ver... É, acho que é isso. Alguma dúvida?

— N-não.

— Então por que ainda estão aqui olhando pra minha cara?

— Não estamos olhando pra sua cara. Aquele que contemplar a face do Senhor, certamente morrerá.

— Bah, cê entendeu. Que cês tão aí parado com cara de veado que viu caxinguelê? Bora contar os caras!

Então Moisés e Arão, auxiliados por aquele bando de manés de nome esquisito dos quais já falamos, foram contar os grupos de levitas. Tudo segundo as instruções recebidas: Homens entre trinta e cinqüenta anos de idade aptos para o serviço. Contaram 2.750 coatitas, 2.630 gersonitas e 3.200 me... mela... Como é mesmo o nome?

— *Meraritas, porra!*

Isso. 3.200 meraritas porra. Sendo assim, os levitas aptos para o trabalho no Tabernáculo eram em número de 8.580. Eram? Peraí, deixa eu conferir. Hum... É, dessa vez tá certinho.

Muito bem, acharam este capítulo chato? Pois vocês não sabem o que os espera nos próximos quatro capítulos...

AS PESSOAS IMPURAS *(NÚMEROS 5:1-4)*

Esse negócio de sacanear Moisés e Arão fazendo os caras contarem gente até não poderem mais até que era legal. Mas deus logo se cansou disso. O negócio dele era com leis e castigos. Então resolveu voltar à velha pauta. E sobrou para Moisés e Arão, claro:

— Ô seus sacripantas. Eu tava dando uma olhada aí no acampamento de vocês, assim, como quem não quer nada. E vi um negócio que me deixou muito puto.

— EU SÓ ESTAVA ORDENHANDO A CABRA, MAIS NADA!

— Cabra? Que cabra?

— Hum... Não é disso que cê tá falando?

— Não... Que cabra?

— Cabra? Sei lá do que cê tá falando, Javé...

— Humpf. Tô falando do que eu vi por aí: Leprosos, gente com corrimento, nego que encostou em defunto...

— U-ué. E d-daí?

— Como assim, "e daí"??? Eu não falei que essa gente toda é imunda? Então! Cês têm que expulsar esse povo do acampamento!

— E-expulsar? E p-pra onde e-eles v-vão?

— Cada um com seus *pobrema*.

— *Problemas*, Javé.

— Isso é *pobrema* meu. Que cês tão esperando? Podem mandar correr a notícia, ao pôr-do-sol eu quero ver esse acampamento livre das pessoas imundas. Bora, bora!

Moisés e Arão, que há muito já tinham aprendido que não valia a pena discutir com deus, apenas cumpriram a ordem. Ao fim do dia o acampamento estava limpo do jeito que Javé queria.

O PAGAMENTO POR PREJUÍZOS *(NÚMEROS 5:5-10)*

— Bom, seus abestados. É isso. Vou pra casa dar uma cochilada.

— A-até m-mais, Ja-Javé.

— Ô, Javé. Caiu este papel do seu bolso, ó.

— Deixa eu ver... Hum... Ih, porra.

— Q-que foi?

— É sobre pagamento por prejuízos. Guardei esse papel no bolso e acabei esquecendo. Que cabeça, a minha!

— E agora, Javé?

— *E agora, Javé?/A festa acabou/A luz apag...*

— Não começa com essa porra.

— Hehehe. Esquenta não, Arão, isso aqui é bobagem. É o seguinte: Se um israelita passar a perna em outro, será o mesmo que passar a perna em mim. Terá que confessar seu erro, devolver tudo e pagar mais vinte por cento de multa. Mas se o cara que foi engambelado tiver morrido, e não tiver deixado nenhum parente próximo que possa receber por ele, o devedor pagará aos sacerdotes. Aí, além do pagamento mais vinte por cento, deverá levar um carneiro para sacrifício.

— O-outra f-fonte de re-renda pra g-gente.

— Tá aprendendo, Moisés.

A PROVA DAS ÁGUAS AMARGAS *(NÚMEROS 5:11-29)*

O livro de Números até que estava indo bem com aquele negócio de contagem do povo, ordem das tribos no acampamento, divisão de tarefas. Só que deus não agüentou por muito tempo: Na primeira oportunidade que teve, desviou o assunto para leis, rituais e castigos, temas que já apoquentaram bastante no Levítico. Veio com aquela ladainha de pessoas impuras, depois o pagamento de prejuízos, e lá vamos nós chafurdar no meio das leis.

Mas a verdade deve ser dita: Vez por outra ele inventa umas leis bem interessantes (para não dizer esdrúxulas). Essa tal prova dos ciúmes, por exemplo, também conhecida como prova das águas amargas.

Desde os tempos mais remotos o homem busca resposta para três questões que não param de incomodá-lo nem durante o sono, quais sejam:

1. De onde viemos?

2. Para onde vamos?

3. Será que aquela feladaputa tá me chifrando?

Para as duas primeiras, deus inventou a religião. E para a terceira (e mais importante), inventou a prova das águas amargas. Era assim: O cara começa a notar a esposa diferente. Mais solta, mais leve, com um sorriso de Mona Lisa na cara o tempo todo. Vendo a transformação da mulher, outrora tão recatada e apagadinha, a desconfiança ganha força a cada dia. Ou então nem isso: Paranóico por natureza, ele começa a desconfiar da mulher sem razão alguma. O que fazer? Conformar-se? Cultivar e polir os novos adereços de cabeça? Ou revoltar-se de vez e matar a piranha desgraçada, correndo o risco de cometer uma injustiça? Em que sinucas de bico pode um corno se enfiar, não?

E aí entra a tal prova: Desconfiado, o candidato a chifrudo leva a esposa até o sacerdote, juntamente com um quilo de farinha. Farinha de cevada, não aquela do Beiramar. Então. Dentro do Tabernáculo, diante do altar, o sacerdote inicia um ritual no mínimo estapafúrdio: Coloca terra do chão do tabernáculo dentro de um jarro com água e entrega a farinha na mão da mulher, depois de soltar os cabelos (da mulher, não do sacerdote, que não é mulher de L'oreal). Feito isso, o sacerdote diz: "Seguinte, minha filha. Teu marido aí tá desconfiado da tua honestidade. Pois vamos fazer o seguinte: Se for só paranóia dele, nada te acontecerá por beber essa água. Mas se ele for corno mesmo, que tua genitália seque e teu útero inche". Então a mulher diz "Amém" que, como vocês sabem, significa "Que assim seja".

Muita presepada? Que nada, ainda tem mais! Depois disso, o sacerdote escreve o juramento todo numa tira de couro e lava a tira na mesma água, oferece a farinha no altar, e dá a água para a mulher beber.

O que acontece depois não é bem claro. O que este capítulo do livro de Números diz é que, depois de beber a tal água, nada acontece se a mulher for inocente. Se for culpada, no entanto, a maldição se cumpre, a genitália seca, o útero incha e a mulher fica estéril (além de ser amaldiçoada para sempre). Sobrenatural, hein? Pois bem, mas há uma tradição que diz que o negócio era muito mais simples: A mulher bebia a tal água. Se fizesse careta, era considerada culpada. E eu só queria saber quem é que toma água com terra e tinta sem fazer careta.

— Ô, Chicoteia! E se fosse o contrário? E se a mulher desconfiasse do marido?

Ia chorar na cama, que é lugar quente. Isso é que é justiça, não?

LEIS PARA OS NAZIREUS *(NÚMEROS 6:1-21)*

— *Narizeus???*

Não, porra. Nazireus. É um termo hebraico que significa "consagrado a deus". Um dia deus acordou sem nada para fazer e resolveu inventar isso de nazireus. E tratou logo de chamar Arão e Moisés para falar de sua nova criação.

— Ó, prestenção cês dois: Tava pensando aqui em instituir uma espécie de irmandade aqui. Um grupo de pessoas dedicadas totalmente ao meu serviço.

— Tá gagá mesmo... Cê já fez isso, Javé.

— Já?

— Claro que já! OS LEVITAS!

— Hum. É verdade... Mas sei lá. Os levitas já nascem dedicados ao meu serviço, sabem? Não tem muita graça. Eu quero que o cara pare e pense: "Taí. Vou trabalhar pro Javé".

— A-autoestima em b-baixa, Ja-Javé?

— Mané autoestima! Pára de dar palpite na minha vida e anota aí. O homem ou a mulher que decidir tornar-se nazireu não poderá tomar vinho, nem suco de uva, nem poderá comer uvas frescas ou passas. Durante todo o tempo em que for nazireu, não poderá comer nada que venha da parreira.

— Ah, e-então o c-cara não v-vai ser na-nazireu pra s-sempre?

— Só se quiser. Já disse, é um trabalho voluntário. Então. Os nazireus também não cortarão o cabelo nem a barba, e não poderão em hipótese alguma tocar em cadáveres.

— Nem se, por exemplo, morrer a mãe do cara, a Dona Naziroa?

— Cê se acha engraçado, né, Arão? Não, nem em caso de morte de mãe. Se alguém morrer de repente do lado de um nazireu, e assim ele tocar um defunto sem querer, ele deverá rapar a cabeça e a barba para se purificar. Oito dias depois, trará como oferta para o Tabernáculo dois pombinhos para serem sacrificados. Nesse mesmo dia ele voltará a cultivar a barba e a cabeleira. E blablablá etc. e tal.

Não, não, Javé não falou "blablablá etc. e tal". É que em seguida ele fala o que o nazireu deverá fazer quando acabar o tempo de sua dedicação, o que deverá trazer como ofertas para o Tabernáculo. Aquela ladainha de sempre: carneiros, ovelhas, pães. E, sejamos sinceros: ninguém agüenta mais essas descrições pormenorizadas de sacrifícios de animais inocentes. Além do mais, os nazireus não desempenharão nenhum papel importante nessa história por um bom tempo. Até aparecer Sansão, o nazireu mais famoso do mundo. Mas isso está beeeeeeem lá pra frente.

A BÊNÇÃO DO SACERDOTE *(NÚMEROS 6:22-27)*

— Ah, lembrei de um negócio aqui. A bênção.

— B-bênção de q-quê?

— A bênção que o sacerdote deverá dar ao povo. Aquele lance todo da importância dos rituais e blablablá. Tô com ela num papelzinho aqui. Arão, lê pra mim que é pra eu ver se soa bem.

— Tá. Arram... *"Que Javé os abençoe e os guarde. Que Javé os trate com bondade e misericórdia. Que Javé olhe para vocês com amor e lhes dê a paz"*. Pô, que bonito. Nem parece coisa sua, Javé.

— Ficou legal, né? Coisa do Duda Mendonça. Minha gestão pode não ser lá essas coisas, mas as peças publicitárias...

— M-muito b-bem, Ja-Javé. M-mas já ch-chega de ri-rituais e l-leis, n-não?

— Nunca é demais, Moisés.

— D-droga.

AS OFERTAS DOS CHEFES DAS TRIBOS *(NÚMEROS 7)*

Bom, farisaiada, acho que é hora de voltarmos à Bíblia. E não chiem.

Bom, no dia em que Moisés terminou de erguer o Tabernáculo, ungiu tudo, consagrou, fez a bagaça toda, os chefes das tribos vieram trazer suas ofertas.

— Q-que po-porra é e-essa?

— Viemos trazer ofertas para o Tabernáculo, seu Moisés. Pra dar uma força, sacumé.

— S-sei. Cês q-querem é se ga-garantir co-como ch-chefes das t-tribos.

— Hum... Tá, é um pouco isso aí também.

— E-então tá. V-vamos ver. O q-que cês t-tão trazendo?

— Cada um de nós trouxe um boi e meia carroça.

— M-meia ca-carroça??? Q-que eu v-vou fa-fazer com m-meia ca-carroça???

— Porra, Moisés, não somos tão burros. Queríamos trazer uma carroça cada um, mas ficava muito caro. Então nos dividimos em duplas e cada dupla comprou uma carroça.

— E-entendi. P-peraí q-que eu v-vou a-ali fa-falar com o Ja-Javé.

E lá foi ele ver com deus se dava pra fazer negócio com as ofertas que os caras haviam trazido.

— Sei não, Moisés... Doze bois e seis carroças? É pouco. Faz o seguinte: Pega as ofertas deles e entrega pros levitas.

— T-tá bom.

— Mas faz direito. Divide igualmente entre os caras: duas carroças e quatro bois para os gersonitas e quatro carroças e oito bois para os meraritas.

— Q-que po-porra de di-divisão é e-essa? E os c-coatitas?

— Quem?

— Os CO-COATITAS!

— Ah, esses. Então. Eles não vão ganhar nada. As coisas que eles vão transportar têm que ser levadas nos ombros, **lembra**?

— A-ah é.

— Então. Agora cê vai lá e diz pros caras que eu aceito a oferta deles de bom grado, fico muito feliz e coisa e tal. Mas dê a entender que talvez fosse uma boa idéia trazer uns agrados a mais aí, sabe, só pra garantir, coisa e tal. Eles vão entender o recado.

— T-tá bom.

— E outra coisa: Fala pra eles não virem todos ao mesmo tempo. Olha a zona que tá la fora com tanto boi e carroça. Diz que podem vir um a cada dia, começando pelo Nasom, depois o Netanel, o Eliabe, o Elisur, o Selumiel, o Eliasafe, o Elisama, o Gamaliel, o Abidã, o Aiezer, o Pagiel e por último o Aira.

— P-peraí, tô a-anotando... A-Aiezer... P-Pagiel... P-pronto.

— Beleza. Vai lá, fala com os caras.

Moisés foi, falou com os chefes, explicou a situação e eles entenderam o recado. No dia seguinte Nasom, chefe da tribo de Judá, trouxe ao Tabernáculo uma bandeja de prata de um quilo e meio, uma bacia de prata de oitocentos gramas (tanto o prato como a bacia cheios de farinha e azeite para oferta de cereais), um prato de ouro de cento e quinze gramas cheio de incenso, um touro novo, um carneiro e um carneirinho de um ano para serem queimados no altar, um bode para ser oferecido pelo perdão dos pecados, mais dois bois, cinco carneiros, cinco bodes e cinco carneirinhos de um ano. No dia seguinte o chefe da tribo de Issacar, Netanel, trouxe uma oferta idêntica. E assim fizeram todos os outros chefes. Agora vocês façam as contas: Tudo isso multiplicado por doze. O Tabernáculo ficou bem mais rico nesse dia. E os chefes mantiveram-se chefes. Já naquele tempo uma mão lavava a outra.

A PURIFICAÇÃO E A DEDICAÇÃO DOS LEVITAS *(NÚMEROS 8)*

Não sei se vocês se lembram — eu mesmo não me lembro direito — mas no último capítulo os chefes das tribos trouxeram suas propinas ao Tabernáculo para assim garantirem a mamata. Algumas das ofertas que eles trouxeram foram entregues aos levitas, para auxiliá-los no serviço do Tabernáculo. Pois muito bem, agora que os caras já têm tarefas definidas e já têm material de trabalho, só falta mesmo começarem a trabalhar. E é disso que deus vai falar com Moisés:

— Moisés, precisamos organizar o evento de purificação e dedicação dos levitas. Acho que podemos fazer isso semana que vem. Não é nada demais, uma cerimônia simples, tô com tudo anotado aqui e... Mas peraí, tá muito escuro aqui. Arão! Ô Arão!

— Fala, Javé.

— Onde cê tava, porra?

— Mijando.

— Ah. Então. Ô Arão, arruma esse candelabro aí. As lamparinas tão iluminando os fundos da Tenda, puta servicinho porco. Ajusta aí... Isso... Isso, assim tá bom. Bom, Moisés, como eu ia dizendo, será uma cerimônia simples. Vocês vão separar os levitas do resto do povo e purificá-los.

— T-tô fora. N-não vou d-dar b-banho num m-monte de m-macho nem a p-pau.

— Não se empolga não, santa. Não é pra dar banho nos caras. A purificação será feita assim: Você vai só borrifar água sobre eles. Depois eles vão rapar os cabelos e todos os pêlos do corpo e lavar as roupas. É isso.

— Ah b-bom.

— Então. Depois eles trarão um touro novo e uma oferta de cereais, e você trará outro touro novo.

— P-putz. M-mais s-sangue?

— Pô, Moisés. Sem sangue, que graça teria? Mas peraí, que ainda não é agora. Primeiro você vai reunir todo o povo e botar os levitas na frente do Tabernáculo. Então o povo botará as mãos sobre as cabeças dos levitas e aí Arão vai apresentá-los a mim, como se fossem uma oferta. Pronto, a dedicação dos levitas é isso.

— L-legal. Mas e os t-touros?

— Ah, é. Então. Aí os levitas vão botar as mãos sobre as cabeças dos dois bichos e eles serão oferecidos no altar, um como oferta para tirar pecados, o outro para ser completamente queimado. E então os levitas com idades entre 25 e 50 anos poderão começar a trabalhar no Tabernáculo.

— Ce-cerimoniazinha p-pobre essa, n-não?

— Porra, Moisés, a gente tem que começar a simplificar esse negócio. O povo já está aqui no Sinai há um tempão. Cês precisam começar a viagem o quanto antes, senão nunca que vocês vão chegar à Terra Prometida. Bom, você não vai mesmo...

— He-hein?

— Hã?

— O q-quê?

— Que foi?

— E-EU N-NÃO V-VOU CH-CHEGAR À T-TERRA P-PROMETIDA???

— Claro que vai, Moisés, claro que vai! De onde você tirou essa idéia estúpida?

— VO-VOCÊ F-FALOU!

— Er... Falei, foi? Desculpe, me enganei. Relaxa, Moisés, tudo vai dar certo.

— Hu-humpf.

Bom, se Moisés chegará ou não a Canaã é coisa que ficaremos sabendo só lá para a frente. Por enquanto o que nos interessa é que a cerimônia foi feita e os levitas dedicados ao serviço do Tabernáculo. Papo vai, papo vem, e o povo de Israel já está há quase um ano fora do Egito. Como bem lembrou Javé, tá na hora desses negos começarem a se mexer.

A SEGUNDA PÁSCOA *(NÚMEROS 9)*

Aproveitem que hoje isto aqui está em ritmooooooooooooo, ritmo de festaaaaaaaaaaaa. Mais um capítulo novo.

Pois então, como eu disse: os israelitas tinham saído do Egito já fazia quase um ano. E foi sobre isso que deus foi falar com Moisés:

— Ô, Moisés, já vai fazer um ano que vocês saíram do Egito. Sabe o que isso significa?

— Q-que vai t-ter f-festa...

— Sim, vai ter festa. Mas QUAL festa?

— F-festa de a-aniversário, o-oras!

— Ok, ok. Mas qual o NOME da festa?

— S-sei lá, oras! F-festa à f-fantasia?

— Não.

— F-festa do ca-cabide?

— Claro que não, oras.

— F-festa do c-coqueiro, po-pode trepar que n-não tem g-galho?

— Puta merda, eu devia ter inventado um décimo-primeiro mandamento para piadas velhas... Moisés, a partir do pôr-do-sol do dia 14 deste mês cês vão comemorar a Páscoa.

— Ah, é! N-nem l-lembrava.

— Ainda bem que eu fiz você anotar tudo, né? Puta velho esquecido... Bom, avisa o povo aí. Quero todo mundo comemorando a Páscoa **do jeito que eu mandei**.

Bom, Moisés ia discutir? Claro que não. Tratou logo de lembrar aos israelitas que no dia 14 ia ter a comemoração da Páscoa. E os problemas não tardaram a mostrar sua cara feia: Uns caras tinham tocado num defunto e estariam imundos no dia da Páscoa. O que fazer? Moisés também não sabia, e foi perguntar a deus.

— Encostaram num defunto, foi? Putz... Sei lá o que fazer com esses caras! Mata tudo.

— P-pega l-leve, Ja-Javé...

— Bah! A gente quebra a cabeça pra inventar uma festa legal, cheia de simbolismo e coisa e tal, pra vir meia dúzia de nego e estragar tudo? É foda, viu! Que que eu faço com esses caras agora? Ah, sei lá. Fala pra eles comemorarem a Páscoa mês que vem, também no dia 14.

— T-tá b-bom.

— E pra tomarem cuidado pra não encostarem em nenhum defunto até lá, senão eu vou ficar muito puto. Aliás, já escreve essa lei aí como um adendo pra Páscoa: Se alguém estiver impuro no dia da festa, deverá celebrar no dia 14 do mês seguinte. E a celebração deverá ser completa, com as ervas amargas, o pão sem fermento, o sangue no umbral da porta, tudo.

— A-anotado. E i-isso t-também va-vale p-para a-alguém que e-esquecer de ce-celebrar no d-dia ce-certo?

— Claro que não, oras! Aí vira esculhambação. Posso até abrir uma exceção para quem estiver viajando na Páscoa, beleza. Mas se o cara estiver no meio do povo, não estiver impuro, e ainda assim não comemorar a Páscoa, será expulso. Tão pensando que é festa?

— N-não é?

— Foi uma força de expressão, Moisés.

— A-ah...

— Vê se deixa de ser burro. Ah, e se algum estrangeiro que estiver entre vocês quiser comemorar a Páscoa, poderá fazê-lo sem problemas. Mas terá que seguir todos os rituais à risca. Ok?

— Be-beleza.

— Então tá. Ah, Moisés, e outra coisa: Vai se preparando aí que cês vão começar a viagem daqui a uns dias.

— L-legal. N-não a-agüentava m-mais e-esse ma-marasmo aqui no S-Sinai. Q-quando a ge-gente sai d-daqui?

— Quando eu mandar, oras. Cê viu que tem uma nuvem de fumaça cobrindo o Tabernáculo durante o dia e uma coluna de fogo durante a noite?

— E q-quem n-não viu? Ô Ja-Javé, quer f-fumar s-seu ne-negócio, t-tudo bem, n-não tenho n-nada com i-isso. Mas p-precisa dar e-essa b-bandeira to-toda?

— Bah, desde que eu nasci que eu fuuuuuumo... Além do mais eu sou é deus, tá me ouvindo? DEUS! Eu faço o que eu quiser. Mas então: taí a fumaça durante o dia e a brasa à noite. Quando eu apagar meu baseado, esse será o sinal para vocês levantarem acampamento. Então já sabem: quando não houver nem fumaça nem brasa sobre o Tabernáculo, caminho da roça todo mundo. Tá bom?

— Be-beleza. E q-quando v-vai ser i-isso de-dessa v-vez?

— Logo logo. Depois da Páscoa. Aguarde e confie.

OS ISRAELITAS PARTEM DO SINAI *(NÚMEROS 10)*

O povo não agüenta mais ficar parado na planície do Sinai esperando alguma coisa acontecer. Sabedor disso, deus orienta Moisés nos últimos preparativos para a partida:

— Moisés, eu quero que você faça duas trombetas de prata.

— V-vai m-montar um n-naipe de m-metais, Ja-Javé?

— Mané naipe de metais, vê lá se eu tenho tempo pra essas coisas! Essas trombetas vão servir pra reunir o povo. Quando as duas forem tocadas ao mesmo tempo, todo o povo virá para a entrada do Tabernáculo. Quando só uma for tocada, é sinal para reunião do staff, apenas os chefes dos grupos virão.

— S-só i-isso?

— Não, tem mais. As trombetas servirão também para sinalizar a partida da caravana, pra não embolar todo mundo e virar aquela zona. Então quando vocês forem levantar acampamento, as trombetas deverão ser tocadas assim: *Pá-pá-pá-pá*. Ao ouvirem esse som, as tribos acampadas no lado leste deverão sair. Aí as trombetas serão tocadas novamente: *Pá-pá-pá-pá*, e então será a vez das tribos acampadas ao sul, e assim por diante, seguindo a **seqüência determinada**.

— T-tá. M-mas co-como é que o p-povo v-vai sa-saber q-quando é pra v-vir se r-reunir aqui e q-quando é pra p-preparar a p-partida?

— Ah, bem lembrado: Eles vão saber pela diferença do toque. O toque para reunião do povo será mais longo, algo assim: *Parapapáaaaaaaaaaaaaa*. Entendeu?

— E-entendi. *P-p-p-p-parap-p-pa-páaaaa*.

— Hum. Ainda bem que não vai ser você o corneteiro, ia demorar pra caralho...

— Hu-humpf... Q-quem vai t-tocar as t-trombetas?

— Pois é, acho que vou deixar isso pros filhos de Arão.

— T-tá bom. S-só i-isso?

— Tá apressadinho hoje, Moisés? Calma, cês já tão aqui há mais de um ano, meia horinha não vai fazer diferença. Se você continuar assim vou te dar uma boa sugestão do que fazer com as duas trombetas cruzadas...

— ...

— Assim que eu gosto. Bom, as trombetas serão tocadas também durante a batalha. Porque, sabe como é, eu gosto de tirar meus cochilos e pode ser que eu esteja dormindo na hora que vocês estiverem guerreando. Aí os sacerdotes tocarão as trombetas bem alto, para garantirem que eu esteja acordado para acudir vocês. E nas festas as trombetas também deverão ser tocadas, que é pra eu lembrar que é dia de festa e botar uma roupa maneira. Beleza?

— B-beleza.

— Então já manda uma mala direta pra todo mundo explicando o negócio das trombetas, que amanhã mesmo cês vão picar a mula daqui.

E assim fez Moisés. No dia seguinte, a fumaça sumiu de cima do Tabernáculo.

— A-Arão, o Ja-Javé apagou o b-baseado. F-fala p-pros s-seus fi-filhos co-cornetarem pra a-avisar o po-povo da p-partida.

— Podexá. Ô, seus songo-mongos! Ao meu sinal, toquem *Pá-pá-pá-pá*.

— Em que tom, pai?

— Como assim, em que tom? Porra, sei lá. Sol.

— Maior ou menor?

— QUE IMPORTA O TAMANHO??? Toquem logo e não torrem!

Então os filhos de Arão tocaram as trombetas em qualquer tom. Eles não tiveram tempo para tomar aulas de música, então vocês podem imaginar o sonzinho de taquara rachada que saiu. Mas o povo já estava preparado, e todos começaram a marcha seguindo a ordem estabelecida: Primeiro saiu o grupo que marchava sob a bandeira da tribo de Judá, acampados a leste. Então o Tabernáculo foi desarmado e os gersonitas e meraritas saíram carregando a tenda. Depois foi a vez do grupo da tribo de Rúben, seguidos pelos coatitas, que carregavam os objetos sagrados do Tabernáculo. Esse intervalo era importante, para que quando os coatitas chegassem ao novo acampamento já encontrassem os gersonitas e meraritas com a tenda armada. Sem trocadilhos, por favor. Bom, depois dos coatitas partia o grupo da tribo de Efraim, e por último o grupo de Dã.

Dã.

Dãaaaa.

Dã!

Hehehe.

Tá, parei.

Bom, no meio daquela multidão toda Moisés encontrou Hobabe filho de Jetro, e midianita assim como ele.

— Ô cu...

— Hã?

— Ô c-cu...

— OLHA O RESPEITO, MOISÉS! TE QUEBRO A CARA! JÁ NÃO BASTA COMER MINHA IRMÃ???

— D-deixa eu t-terminar, p-porra! Ô c-cu-cuuuu-cunhado...

— Ah, bom.

— A ge-gente tá i-indo prum l-lugar aí que Ja-Javé p-prometeu. E-ele p-prometeu também f-fazer de I-Israel uma n-nação g-grande e ri-rica. Q-quer ir c-com a ge-gente?

— Hum... Nah. Cês são tudo sem terra, eu não participo desses movimentos comunistas. Vou voltar lá pra Midiã, que lá eu tenho minha casinha, minha vidinha...

— M-mas que b-bobagem, r-rapaz! V-você precisa s-sonhar a-alto! O-olha, v-vamos fazer o s-seguinte: v-você é um c-cara que c-conhece muito bem o d-deserto. Se v-você topar ser n-nosso g-guia, q-quando ch-chegarmos a C-Canaã vou a-arrumar um p-pedaço b-bom de t-terra pra v-você.

— Ué, mas vocês não vivem dizendo que esse deus aí vai guiar vocês pelo deserto e coisa e tal?

— Hum. É, a ge-gente d-disse. Mas, c-cá e-entre n-nós: n-não c-confio m-muito no Ja-Javé. Capaz de e-ele se p-perder e a-atrapalhar n-nossa viagem. E aí, v-você vem ou n-não?

— Bah. Vamos aí, vai. Tô precisando mesmo viajar um pouco.

— I-isso aí, Ho-Hobabe! V-você não vai se a-arrepender.

— Espero mesmo.

E foi assim a partida do povo de Israel, depois de um ano no Sinai, agora com um guia para auxiliá-los na longa jornada até Canaã. Além do guia, tinham também a fumaça do baseado de deus, que ia à frente do povo. Essa primeira etapa da viagem foi uma caminhada leve de três dias. Toda vez que eles levantavam acampamento Moisés dizia:

— A-acorda, Ja-Javé do céu / q-que a t-trombeta já t-tocou / O p-povo já tá s-saindo / E vo-você ainda n-não a-acordou.

E quando resolviam acampar nalgum lugar, cantava outra musiquinha:

— B-bicho papão / S-sai de ci-cima do t-telhado / De-deixa o Ja-Javé / D-dormir s-sossegado.

E a viagem foi assim, feliz e harmoniosa. Pelo menos por um tempo. Porque quando o povo chegou em Taberá... Bom, depois eu falo de Taberá.

O povo reclama em Taberá *(Números 11:1-3)*

Falei em Taberá no final do último capítulo, né? Então. No meio da jornada do deserto, como era de se esperar, o povo começou a chiar. E Javé, que não andava no melhor dos humores, jogou a ponta de seu baseado aceso no meio deles, começando um incêndio numa das pontas do acampamento. Imaginem o ~~deus-nos-acuda~~ rebuliço: Os israelitas corriam de um lado pro outro feito baratas tontas, até que um deles teve a idéia de ir falar com o líder. Moisés, já conhecedor dos ataques histéricos de Javé, foi direto:

— Ô, Ja-Javé. M-menos.

— Porra... Esses caras só reclamam, sempre o mesmo nhenhenhém!

— Mas é o p-povo que v-você e-escolheu...

— Droga. Tá bom, tá bom, já apaguei o incêndio, pode ver lá. Mas que não se repita.

Devido a esse episódio o lugar onde estavam acampados recebeu o nome de Taberá, que é "incêndio" em hebraico.

Depois de uma dessa, o povo deveria ficar um tempinho na miúda, né? Mas não foi o que aconteceu, como veremos na continuação.

OS 70 LÍDERES E AS CODORNAS *(NÚMEROS 11:4-35)*

Como é de se imaginar, a multidão dos israelitas atravessando o deserto não demorou a chamar a atenção de aventureiros. Depois de mais de um ano fora do Egito, era normal que houvesse entre os hebreus muitos estrangeiros. Isso era bom por um lado: mais soldados para as guerras que viriam. Havia, no entanto, algumas desvantagens, como o fato de não terem o menor compromisso com o deus esquisito de Israel.

E foram justamente os estrangeiros que começaram a crise reclamando da falta de carne. Ah, se tivéssemos carne para comer... Ah, um bom filé agora... Ah, uma coxinha de galinha... Em pouco tempo os israelitas se deixaram contaminar pela insatisfação:

— Puxa vida, é verdade. Uma carninha agora ia bem.

— Verdade. Lembra do Egito? Lá a gente comia peixe à vontade.

— E de graça!

— Pois é! E não era só isso. Lembra dos melões que a gente comia lá?

— Hum.... E as verduras? Um alho, uma cebolinha...

— ... um pepino...

— Ai, bicha!

— Não enche, porra.

— Hehehe. Pois é. Mas e agora, o que é que a gente come?

— **Maná**! O tempo todo é só maná!

— Um inferno! Maná com leite de cabra de manhã. Maná com água no almoço. Maná puro no jantar. Aos fins-de-semana, pão de maná.

— Maná, maná, maná! Eu quero saber quem é o nutricionista desta porra aqui. Meus filhos estão ficando amarelos de tanto comerem maná.

E etcetera e coisa e tal e blablablá. A choradeira do povo foi ficando insuportável. Moisés, um velho com mais de oitenta anos encarregado de liderar um povo tão chato até a Terra Prometida, resolveu que era demais para ele e foi queixar-se ao patrão:

— Ja-Javé, é o s-seguinte: E-eu te f-fiz a-alguma c-coisa? P-porque i-isso aqui só p-pode ser c-castigo. S-sacanagem. Ô p-povinho ch-chato! P-por a-acaso eu p-pari essa ge-gente t-

toda? E-então p-porque vo-você q-quer que eu ca-carregue e-esse p-povo no c-colo até a C-Canaã? A-agora tão q-querendo c-carne, e o-onde é que eu v-vou a-arrumar c-carne pra t-tanta gente? Na b-boa, eu s-sozinho não d-dou c-conta. Se é p-pra me t-tratar a-assim, tem dó e m-me m-mata l-logo. A-assim não d-dá.

Javé, que como vimos há pouco já andava meio puto com aquele povo, respondeu:

— Puta que pariu, Moisés, que cê quer que eu faça? Cê não tá agüentando liderar o povo sozinho? E por que não falou antes, porra? Seguinte: Você vai reunir setenta homens competentes, escolhidos dentre os mais respeitados dos israelitas. Então você os levará até o Tabernáculo, eu virei falar com você e darei a eles um pouco do talento que dei a você, para que o ajudem nesse trabalho. Quanto a esse povo aí, cê vai falar pra eles tomarem um bom banho e vestirem suas melhores roupas. É carne que eles querem? Pois pode dizer que amanhã eles vão comer carne. Não vão mais lembrar do quanto era bom no Egito, porque aqui será melhor. E vão comer carne amanhã, e depois, e a semana toda. Ah, quer saber? Eles vão comer carne sem parar por um mês, até que comece a lhes sair pelos narizes e que peguem nojo de carne. E vão ter que comer, hein? Se não comerem, enfio-lhes cu adentro. Esse povinho bunda só aprende assim mesmo...

— Ô Ja-Javé, não vi-viaja. E-estou le-levando 600 mil ho-homens adultos, s-sem contar m-mulheres n-nem c-crianças. O-onde é q-que eu v-vou achar t-tanto bi-bicho pra m-matar e d-dar c-carne por um m-mês a e-esse p-povo t-todo?

— Moisés, cê tá me tirando??? Tá achando que eu sou suas negas? Eu sou é deus, tá me ouvindo? DEUS!!!

— Tá, tá, c-calma... S-santa...

— O QUE VOCÊ DISSE???

— N-nada n-não.

— Humpf. Some da minha frente antes que eu acabe com a tua raça. Vai logo escolher os setenta líderes.

E assim fez Moisés, que não era besta nem nada, tratou logo de escolher seus auxiliares. Uma vez escolhidos, foram todos reunir-se ao redor do Tabernáculo. Então deus veio, deu uma olhada, fez uns passes de mágica e pronto: Os líderes adquiriram os talentos de Moisés. Começaram até a falar gaguejando, mas isso só por um tempo.

Acontece que dois dos ajudantes que Moisés havia escolhido — chamados Eldade e Medade — acharam melhor ficarem em casa do que irem até aquela reunião chata no Tabernáculo. Apesar disso, começaram a gaguejar também. Um moleque dedo-duro que viu o que acontecia foi correndo contar o que estava acontecendo a Moisés. Josué — de quem não ouvimos falar há muito tempo, mas que continuava como ajudante de Moisés — não se conteve:

— Aí, Seu Moisés, os caras tão te imitando lá no acampamento. Vai deixar? Vai deixar?

— P-porra J-Josué, n-não e-enche. Se c-cada g-gago que t-tiver no m-meio do po-povo vier me a-ajudar, e-eu quero mais é q-que t-todo mundo s-seja g-gago. Hu-Humpf.

Enfim, apenas um incidente sem importância, e voltaram todos para suas barracas.

No dia seguinte logo pela manhã começou uma ventania repentina, seguida pelo barulho de coisas caindo. O que é? O que será? Cada um saiu de sua tenda para ver, estupefato, codornas sendo trazidas pelo vento e caindo por todo lado. Era codorna que não acabava mais: se espalharam por uma área de uns 900 km², formando pilhas que chegavam a um metro de altura. Por dois dias inteiros o povo todo trabalhou catando codornas, e não houve um que juntasse menos de uma tonelada. E assim começaram a comer carne até enjoar.

Pois vejam só, Javé cumpriu sua promessa. Que deus bom, não? Isso é que é deus, o resto é conversa!

Hum... Não é bem assim. Porque ainda havia muita codorna pra se comer quando Javé teve um de seus inexplicáveis ataques de ira e castigou os israelitas com uma epidemia. Muitos morreram, e aquele lugar foi batizado de Quibrote-Ataavá, que em hebraico significa "As Sepulturas do Desejo". Aliás, belo nome para um filme de terror pornô.

De uma forma ou de outra, serviu para o povo calar a boca por um tempo. Saíram dali em silêncio e foram acampar num lugar chamado Hazerote.

O CASTIGO DE MIRIÃ *(NÚMEROS 12)*

Entre uma lei aqui, um mandamento ali, um ritual acolá, Moisés acabou se casando com uma mulher etíope. E era um chamego só com aquela nêga, uma beleza. Mas sabe como é família, né? Logo Arão e Miriã, irmãos de Moisés, começaram a criticar o cara.

— Que vergonha! Casado com uma crioula!

— Pois é, Miriã. Ele acha que pode fazer o que quiser só porque fala com deus.

— Ué, e daí? Ele é profeta, tudo bem. Mas nós também não somos?

— Claro que somos!

— E deus deixa ele viver nessa pouca vergonha? E a outra mulher dele, fica como?

— É o que eu digo! Mas ele me ouve? Claro que não! A nêga mexeu com a cabeça dele.

— Então! Ontem mesmo eu fui até a tenda dele e...

— EI! VOCÊS DOIS AÍ!

— Ô. Javé. Tudo bem com você?

— TUDO BEM É O CARALHO! VÃO OS DOIS PRO TABERNÁCULO AGORA!

Os dois obedeceram rapidinho, envergonhados. Enquanto isso, deus ligou para Moisés e o chamou para ir ao Tabernáculo também. Quando estavam todos lá, deus começou a falar, muito puto:

— Ô Moisés, seus irmãos tavam falando merda a seu respeito. Tão com inveja porque você já casou pela segunda vez e eles não desencalham.

— N-não é p-possível! É v-verdade isso, A-Arão?

— ...

— Q-QUE V-V-V-VE-VE-VER-V-V...

— É isso mesmo, Moisés. Que vergonha! Estão falando aí que são profetas tanto quanto você. Escutem aqui os dois: Profetas eu escolho quantos eu quiser aí no meio do povo. Profeta pra mim é gado. Agora um cara que nem o Moisés é mais que um profeta! O cara até já **viu minha bunda**, porra! Eu falo com o cara como um camarada mesmo, tão sabendo? MOISÉS É MEU TRUTA! Não falem mal dele! Entenderam?

— S-sim, Ja-Javé...

— Ah, agora cê também gagueja, Miriã? Velha invejosa! Seu problema sabe qual é? É FALTA DE RÔLA!

Então Javé saiu pisando duro. Bateria a porta, se porta houvesse no Tabernáculo. E foi ele sair pra Miriã imediatamente ficar totalmente branca, coberta de micose dos pés à cabeça.

— Moisés! Olha o que Javé fez comigo!

— Ah, cê n-não f-falou mal da m-minha n-nêga? E-então! A-agora cê tá b-bem b-branquinha...

— Ô Moisés, ela é nossa irmã! Eu sei que a gente falou merda, desculpa, mil perdões, mas a gente não pode deixar nossa irmã ficar assim. Quebra essa, pô! Fala com o Javé.

— T-tá b-bom, vai. V-vou ver o q-que p-posso f-fazer.

Moisés pegou o celular e ligou para deus para ver se dava um jeito de Miriã voltar ao normal.

— Ah, Moisés, sei não... Fiquei puto com essa sua irmã aí. Mas como é você que está pedindo, vou quebrar seu galho. Só que é o seguinte: Ela vai ter que obedecer o ritual e ficar fora do acampamento por sete dias.

— T-tá bom. V-valeu, Ja-Javé.

E assim fizeram: Miriã ficou sete dias exilada, e durante esse período o povo permaneceu em Hazerote. Quando ela voltou, já curada, partiram de lá para acamparem no deserto de Parã.

Parã-pã-pã.

Tá, parei.

OS ESPIÕES *(NÚMEROS 13)*

Pois muito bem: O povo estava acampado no deserto de Parã. Dêem uma olhadinha no mapa aí ao lado. Localizaram? Então, um pouco ali para o norte, nas cidades de Gaza e Jericó já começa Canaã. O povo estava chegando perto da Terra Prometida, portanto, e era hora de se começar a pensar em estratégias sérias e providências práticas para a invasão. E foi nisso que deus pensou quando chamou Moisés:

— Moisés, está chegando a hora da tomada de Canaã. Mas antes disso vocês precisam de informações sobre aquela terra.

— T-tá bom, Ja-Javé. P-pode f-falar.

— Falar o quê? Tá doido? Vocês que se virem para pegar informações, tá pensando que tomar a terra dos outros é moleza, que deus ajuda e pronto? Oras! Você vai é escolher espiões para irem até lá. Escolha um de cada tribo e me traga a lista.

Moisés assim o fez: Escolheu dentre os líderes das tribos aqueles que achava mais aptos ao trabalho de espionagem. E esta foi a lista que entregou a Javé:

Tribos	Espiões
Rúben	*Samua, filho de Zacur*
Simeão	*Safate, filho de Hori*
Judá	*Calebe, filho de Jefoné*
Issacar	*Igal, filho de José*
Efraim	*Oséias, filho de Num*
Benjamim	*Palti, filho de Rafu*
Zebulom	*Gadiel, filho de Sodi*
Manassés	*Gadi, filho de Susi*
Dã	*Amiel, filho de Gemali*
Aser	*Setur, filho de Micael*
Naftali	*Nabi, filho de Vofsi*
Gade	*Geuel, filho de Maqui*

Como sempre, um monte de caras com nomes estranhos. Tinha até um Setur, vê se pode. Setur parece nome de agência de turismo. Pois não é que no meio de todos esses aí, Moisés foi implicar justo com o nome mais normal, Oséias? Verdade! Mudou o nome do cara pra Josué, sabe-se lá por quê...

Bom, discussões onomásticas a parte, os espiões partiram de Parã com instruções claras: Deveriam ir pelo sul e subir as montanhas. E lá chegando deveriam prestar atenção em tudo: como era a terra, se o povo era forte ou fraco, se eram muitos ou poucos homens, se as cidades eram muradas, se a terra era boa para o cultivo, se havia matas. Deveriam também trazer algumas frutas da terra.

Com essas indicações em punho, foram para Canaã. Espionaram a terra de cabo a rabo. Subiram pela região sul e foram até Hebrom, onde encontraram três caras não muito comuns com nomes piores ainda: Aimã, Sesai e Talmai, que eram descendentes de uma raça de gigantes chamados anaquins. Muito cuidado aqui: quando a Bíblia fala em "gigantes", não se refere a seres descomunais. Os três anaquins deviam ser da altura de jogadores de basquete. Mesmo assim, o suficiente pra assustar uma dúzia de israelitas baixinhos e narigudos. Depois os espiões desceram para um vale para colherem amostra de uvas. E cortaram um cacho tão grande que foi necessário pendurá-lo numa vara, que foi levada nos ombros de dois homens. Ficaram tão impressionados com o tamanho do cacho que botaram naquele lugar o nome de vale de Escol, que significa "cacho de uvas".

Depois de 40 dias espionando a terra, os 12 líderes voltaram ao deserto de Parã para contarem as novidades. E as notícias que eles traziam não eram das mais animadoras:

— Moisés, você e Arão tão doidos se acham que a gente vai invadir aquela terra.

— P-por quê? A t-terra é r-ruim?

— Não, muito pelo contrário: a terra é excelente, olha o tamanho do cacho de uvas que trouxemos.

[Pausa para admiração de Moisés e Arão ante o tamanho do cacho dos caras.

DO CACHO DE UVAS, SEUS PODRES!]

— E-então q-qual o p-problema.

— O problema, Moisés, é que os caras de lá são grandes, fortes, sarados, espadaúdos, uma loucura! AFE!

— Menos, Nabi. Deixa que eu continuo. Mas então, os caras são grandes lá. Vimos até uns gigantes em Hebrom. As cidades deles são fortificadas, nem o capeta entra lá. Os amalequitas vivem ao sul, os heteus, os jebuseus e amorreus nas montanhas, os cananeus perto do Mediterrâneo e às margens do Jordão.

— P-perto do M-Mediterrâneo? M-moram bem e-esses c-cananeus, o c-condomínio lá d-deve ser uma f-fortuna. Mas q-quer dizer e-então que t-tem a-até ET n-naquela t-terra?

— ET? Que ET, Moisés?

— N-nas m-montanhas. V-você que d-disse.

— HETEUS!

— Ah... M-menos m-mal.

— Menos mal mas não ajuda em nada. Essa invasão é impossível, Moisés. Melhor a gente desistir.

Os curiosos, como era de se esperar, foram se juntando ao redor dos líderes conforme a conversa prosseguia. Não demorou para começarem os rumores. "O que ele disse?". "Fala mais alto, porra!". O desconforto ia aumentando enquanto os espiões despejavam seu balde de água fria. E o povo começou a fazer o que mais sabia: reclamar. E a reclamação toda podia se resumir em "Xi, fodeu...". Mas Calebe, o espião da tribo de Judá, pediu a palavra e conseguiu se fazer ouvir no meio da balbúrdia geral:

— Ô, cambada, não é bem assim. Esses caras tão exagerando! Se a gente for agora e atacar de surpresa, vai dar certo. Eles são fortes, é verdade, mas nós também somos. Bora atacar aqueles mequetrefes!

— Cê andou fumando aquela planta lá deles, né, Calebe? Tá bem louco? Os caras acabam com a gente! Sem chance.

O discurso de Calebe, embora cheio de boas intenções e fé, não surtiu efeito. O povo preferiu acreditar nas informações trazidas pelos outros. E como sempre acontece nessas ocasiões, a notícia ia ficando pior conforme corria de boca em boca:

— Parece que a terra não produz o suficiente nem para os moradores de lá, imagine pra nós.

— E os caras são grandes, gigantes, pelo que disseram.

— É isso mesmo, gigantes! Um dos espiões me disse que eles se sentiam como gafanhotos perto deles.

— Nossa!

— Pois é, menina.

Como podemos ver, a rádio-peão existe desde aquela época. O desânimo do povo logo transformou-se em revolta. Mas falaremos disso no próximo capítulo.

A REVOLTA DO POVO *(NÚMEROS 14)*

Como eu ia dizendo, o desânimo do povo com as más notícias trazidas pelos espiões não demorou a transformar-se em revolta. Naquela mesma noite o que mais se ouvia no acampamento dos israelitas era nego choramingando. Então foram reclamar com Moisés e Arão. E estavam MUITO putos:

— Então foi para isso que vocês tiraram a gente do Egito? Para morrermos nas mãos dos cananeus?

— Onde é que Javé estava com a cabeça??? Agora nós vamos todos morrer na guerra e nossas mulheres e filhos serão levados como prisioneiros.

— Seria muito melhor a gente desistir enquanto há tempo e voltar pro Egito.

— Boa idéia! Por que a gente não escolhe outro líder e volta pro Egito?

A idéia foi ganhando corpo entre os hebreus. Moisés e Arão, percebendo que o negócio não estava nada bom pro lado deles, jogaram-se de joelhos e cara no chão implorando a piedade do povo. Que velhos bundões! Ainda bem que novos líderes começavam a surgir: Calebe, o único dos espiões que vira a conquista de Canaã com bons olhos, e Josué, que resolvera passar para o lado dos otimistas.

Aliás, permitam-me corrigir um erro: Lembram no último capítulo, quando eu disse que Moisés trocou o nome de um tal de Oséias para Josué? Pois tratava-se daquele mesmo Josué que já conhecemos faz tempo, office-boy de Moisés. Desculpem a falha, mas é que essas idas e vindas da narrativa bíblica às vezes me confundem a cabeça.

Mas como eu dizia, Josué e Calebe tiveram uma atitude de homens de verdade, ao contrário de Moisés e Arão:

— Filhos de umas quengas! A terra que a gente foi espionar é muito boa. Se Javé ajudar, a gente entra lá e chuta a bunda dos cananeus.

— É, mas cês têm que têm que tomar mais cuidado, porra! Cês ficam aí falando de voltar pro Egito e não sei mais o quê. Javé teve um trabalhão pra tirar a gente de lá, e vai ficar muito puto se vocês continuarem com essa choradeira. E vocês sabem como é quando ele fica bravo, pode acabar sobrando pra todo mundo.

O discurso continuaria, mas o povo começou a pegar pedras para jogar nos quatro. Agora imaginem: Quatro homens (sendo que dois eram velhos e estavam na posição em que Napoleão perdeu a guerra) diante de milhares de homens furiosos e de pedra na mão. Parecia tudo perdido, o povo ia voltar para o Egito por bem ou por mal.

Mas eis que todos viram um clarão sobre o Tabernáculo. Era deus que acendia seu baseado.

— Vãopará com essa putaria aí! Moisés, vem aqui que eu quero conversar com você.

Moisés levantou a cara do chão e respondeu:

— Daqui a pouco, Javé.

— Eu disse AGORA!

— É q-que... S-sabe c-como é... D-deixa eu p-pelo me-menos ir a-a-a-até a minha t-tenda t-trocar de t-t-túnica. Acho que me c-c-ca... c-ca-caaaaa...

— Tá, tá, já entendi. Puta que pariu. Vai lá, e toma um banho.

Quinze minutos depois, já limpo, Moisés dirigiu-se à Tenda Sagrada.

— P-pode dizer, Ja-Javé.

— Moisés, eu já fumei unzito aqui e nem assim me acalmei. Dessa vez foi a gota d'água. Eu não agüento mais, para mim chega. Vou mandar uma epidemia mais forte que aquela última, e matar esse povo todo. Mas você, Moisés, vai sobreviver, e aí eu começo todo o meu projeto de novo: Vou fazer dos seus descendentes uma grande nação, muito maior e mais forte do que esse povinho sem-vergonha de Israel.

— Hum... F-fico m-muito ho-honrado, Ja-Javé, m-mas...

— Mas...?

— V-você já i-imaginou a re-repercussão d-disso?

— Repercussão???

— É. I-imagina os j-jornais do E-Egito: "D-DEUS I-INCOMPETENTE M-MATA S-SEU P-POVO NO D-DESERTO". E o p-povo das t-terras p-por o-onde p-passamos até a-agora? V-vão dizer q-que vo-você m-matou os i-israelitas p-porque não foi c-capaz de l-levá-los até o s-seu d-destino.

— Hum...

— P-pensa bem, Ja-Javé. P-perdoa o p-povo, e-esquece i-isso.

— É, Moisés, acho que você tem razão... MAS ISSO NÃO PODE FICAR ASSIM! Já que você me pediu para perdoar, e considerando que você é meu truta, eu perdôo. MAS SÓ POR SUA CAUSA! Mas é o seguinte: Nenhum desses homens viverá para entrar na Terra Prometida. Esse povo me viu fazendo as coisas mais extraordinárias e mesmo assim vive me torrando o saco. Então ninguém vai entrar em Canaã porra nenhuma.

— N-ninguém?

— Hum... Bom, o Calebe vai. Esse cara tem colhões.

— E o J-Josué?

— Josué, Josué... Bah, depois eu vejo. O Josué só mudou de idéia depois, não sei se ele é confiável.

— E A-Arão e eu?

— Vocês dois? Sei lá, depois eu vejo isso! Agora tenho coisa mais importante para falar: Os israelitas não ficaram com medo dos amalequitas, dos cananeus e de todos os outros caras? Pois diga a eles que podem dar meia volta. Vocês vão voltar para o deserto, na direção do Mar Vermelho.

— U-ué. V-vamos v-voltar pro E-Egito???

— Depois do trabalho que foi pra tirar vocês de lá? Tá louco? Não, tenho outra coisa em mente. Como eu disse, esses homens aí não vão entrar na Terra Prometida. Ninguém com mais de vinte anos sequer verá Canaã. Exceto pelo Calebe. E pelo Josué, vá lá. Esses dois eu deixo. Os outros vão ficar vagando pelo deserto durante quarenta anos, um ano para cada dia em que os

espiões ficaram em Canaã a troco de nada. Vão todos morrer no deserto, e não haverá memória da existência deles.

— P-porra, Ja-Javé, p-pega l-leve.

— PEGA LEVE É O CARALHO! Ainda tô dando chance a vocês! Além do mais, quarenta anos passam voando. Pelo menos para mim... Hehehe.

— Hum... M-mas e os e-espiões? E-eles já v-viram a T-Terra P-Prometida.

— Ah, isso eu resolvo rápido.

— C-como?

— Oras, como! Vou matá-los todos, menos Calebe e Josué, é claro.

De fato, os outros dez espiões foram atacados por uma doença e morreram em pouco tempo. Mas ninguém deu trela, porque a triste notícia já corria o acampamento: Israel era um povo condenado a vagar pelo deserto por quarenta anos, sem direito a apelação. Uma perspectiva lúgubre. Alguns israelitas resolveram, como se diz, tentar botar a tranca depois do arrombamento:

— Vamos consertar nosso erro! Vamos entrar na região montanhosa e conquistar aquela terra. Javé vai ver nosso arrependimento e vai voltar atrás.

Moisés, que conhecia Javé como ninguém, ainda tentou dissuadi-los dizendo que já não adiantava nada, que Javé já decidira e agora cabia a eles apenas cumprir sua condenação. Mas eles foram mesmo assim. E é claro que a tentativa foi um fiasco; os amalequitas e cananeus botaram os rebeldes para correr, e eles correram até um lugar chamado Horma.

Triste situação a do povo de Israel. Chegaram tão perto de Canaã e agora, condenados pela ira de um deus temperamental, deveriam voltar quase o caminho todo, e passar os quarenta anos seguintes andando em círculos pelo deserto. Isso é que é deus bom e misericordioso, o resto é conversa!

JAVÉ VOLTA A FALAR DE LEIS E RITUAIS *(NÚMEROS 15)*

Este é um capítulo estranho do livro de Números. Com tanta coisa acontecendo, de repente volta-se a falar de leis. Esquisito? Sim, mas nem tanto. A Bíblia é cheia desses saltos e pausas abruptas na narrativa. Além do mais, depois da última mancada do povo e do castigo imposto, deus deve ter percebido que talvez o problema fosse de comunicação, então resolveu reforçar uma coisinha aqui outra ali. Apenas especulação de minha parte, claro.

Bom, o negócio é que mais da metade deste capítulo é uma descrição detalhada de como/quando/por quê/onde sacrificar animais. Já estamos cansados de saber tudo isso, e quem não se lembrar pode pegar o PDF do Levítico para refrescar a memória. Sendo assim, pulo esta parte sem maiores crises de consciência.

A seguir, como que para sublinhar que a Lei era coisa séria, é contada a história de um homem que foi pego em flagrante recolhendo lenha no sábado. O sábado, lembrem-se, é o dia de

descanso para os judeus, e Javé fez questão de frisar isso sempre que possível. Pois então, o cara estava lá pegando lenha, foi surpreendido no ato e levado até Moisés e Arão. Perguntaram a deus o que fazer, e ganha uma mariola quem adivinhar qual foi a resposta. Isso, muito bem! Mata! Apedreja! SANGUE! SAAAAAAAANGUEEEEEEEEEE!

No final do capítulo, outro trecho que não guarda relação alguma com o restante, a não ser a ênfase no cumprimento da lei: deus manda dizer aos israelitas que todos eles deverão passar a usar pingentes com cordões azuis em suas roupas. Esses pingentes serviriam como lembrete: sempre que um israelita olhar para os pingentes deverá se lembrar das leis de deus. Se não me engano, até hoje os judeus ortodoxos usam os tais pingentes.

E é isso aí o 15º capítulo de Números: não acrescenta nada, nada acontece. Mas não se desapontem, que no próximo capítulo tem mais revolta do povo.

A REVOLTA DE CORÉ, DATÃ E ABIRÃO *(NÚMEROS 16)*

— Coré, Datã e Abirão??? QUE NOMES!

Porra, se vocês forem se assustar com tudo que é nome estranho que aparecer na Bíblia, a história não vai pra frente. Humpf...

Esse tal Coré era um coatita. Coatitas, lembram? Um dos três **grupos de Levitas**. Então. Esse Coré aí começou com umas idéias estranhas e logo conseguiu convencer três caras da tribo de Rúben: Datã e Abirão, dois irmãos, filhos de um tal Eliabe, e Om, filho de Pelete. Esqueçam Om, porque ele não é mais citado no resto do capítulo, então é melhor a gente fingir que ele nunca existiu. Como eu disse, a Bíblia é cheia dessas.

Pois muito bem, Coré, Datã e Abirão começaram a conspirar e conseguiram juntar sob sua liderança 250 homens, todos eles respeitados na comunidade. Sentindo-se seguro com tamanho apoio, Coré juntou os 250 líderes e foi falar com Moisés e Arão.

— Aê, cês dois, tá na hora de parar com essa putaria! Deus escolheu foi o povo inteiro, então quem cês pensam que são pra quererem mandar no povo de Israel?

Moisés já sabia como reagir nessas situações: tratou logo de ficar de quatro e tentar se defender:

— C-calma, gente! A-amanhã ce-cedo a ge-gente faz uma gi-gincana pra v-ver quem é q-que Ja-Javé quer que m-mande a-aqui, ou se e-ele c-concorda com a a-anarquia que v-vocês p-propõem. P-porra! O Ja-Javé deu a v-vocês l-levitas o p-privilégio de s-servirem no T-Tabernáculo. I-isso não b-basta pra v-você, C-Coré?

— Eu só falo na presença de Datã e Abirão.

— Hu-hummmm, s-santa! Tá b-bom e-então, v-vou m-mandar ch-chamar seus a-amiguinhos.

Moisés mandou um moleque com um recado para Datã e Abirão: Ambos deviam comparecer ao Tabernáculo imediatamente. Meia hora depois volta o moleque, sem Datã nem Abirão.

— C-cadê os c-caras?

— Vieram não.

— C-como não???

— Disseram que o senhor e o Arão são dois charlatães, que vocês tiraram o povo de uma terra boa rica só pra todo mundo morrer no deserto e não sei o que mais. E falaram que o senhor não manda neles, e então não vieram.

— P-puta que p-pariu! E-eu n-nunca p-prejudiquei n-nenhum d-d-d-desses c-caras, o que e-eles q-que-querem de mi-mi-mi-mim??? P-P-PO-PO-PORRA! C-Coré, é o s-s-s-seguinte: a-amanhã v-você e s-seus ho-homens vão t-trazer i-incenso pa-para ser q-queimado no a-altar. A-Arão t-também vi-virá. Aí a g-gente vê q-quem é que o Ja-Javé a-ap-ap-appóia.

— Eita, Moisés, tá com medo mesmo, hein? Tá até gaguejando mais do que de costume. Pode deixar, amanhã cedo a gente vem pra cá participar dessa gincana de incenso. Por mim seria hoje mesmo, estou ansioso pela hora em que verei você e Arão destituídos do poder que alcançaram ilegitimamente, explorando as classes trabalhadoras, especulando com os tesouros do Tabernáculo, mantendo uma ditadura baseada no terror e no...

— T-tá b-bom! E-esse p-papo de c-comunista de ú-última hora c-cansa, s-sabe?

— Humpf. Nos vemos amanhã.

No dia seguinte Coré foi com seus seguidores até a porta do Tabernáculo, cada um trazendo seu queimador de incenso. Moisés e Arão já estavam esperando. Depois que todos se acomodaram, a voz de deus foi ouvida de dentro da Tenda Sagrada:

— MOISÉS! ARÃO! Saiam do meio desse povo sem-vergonha aí, que é hoje que eu vou matar geral!

— Ô Ja-Javé, t-também não é a-assim...

— Verdade, Javé. Vai com calma. Por causa de meia dúzia você vai acabar com o povo todo? Pô, que exagero!

— Ai meu saco, é sempre assim... Tá bom, tá bom. Mas avisem aos israelitas para se afastarem das tendas de Coré, Datã e Abirão.

Moisés e Arão mandaram a ordem correr pelo acampamento. O povo, que já conhecia bem os ataques de ira de Javé, tratou logo de se afastar das tendas dos três, que ficaram isolados com suas famílias. Fez-se o silêncio no acampamento... Silêncio absoluto. Até o vento parou de soprar... Não se ouvia nada, nem um pio.

— *PIU!*

CALABOCA, CARALHO! Humpf.

Depois de alguns minutos de desconforto causados pela quietude, Moisés resolveu falar:

— V-vocês v-viram o q-que e-esses c-caras fi-fizeram. P-pois m-muito b-bem: Se n-nada acontecer a e-eles a-agora, e-então é p-porque e-eles e-estão certos e eu não f-fui e-escolhido por d-deus nem n-nada. M-mas se a-acontecer a-alguma c-coisa esquisita...

Moisés não teve tempo de terminar: a terra se abriu enquanto ele gaguejava seu discurso e tragou Datã, Abirão e suas famílias, assim como Coré. O povo entrou em pânico, naturalmente: "A terra vai engolir a gente também", "Socorro", "Ai, minha Nossa Senhora!", que nessas horas a gente apela até para entidades de outros lugares e épocas. Mas o showzinho de Javé ainda não tinha terminado: O *gran finale* foi uma rajada de fogo que matou os 250 seguidores de Coré.

E assim, da forma pacífica e democrática de sempre, foi resolvido mais um conflito no acampamento dos hebreus. Sempre preocupado com o aspecto ritualístico de tudo, Javé foi falar com Moisés:

— Hehehe. Mandei bem nessa Moisés, fala sério! Muito boa, muito boa! Eu me supero!

— Ja-Javé, o p-povo e-está de l-luto...

— Luto por aqueles mequetrefes? Não merecem! Bom, mas nem é disso que eu quero te falar. Seguinte: fala praquele filho abestalhado do Arão, como é mesmo o nome dele?

— E-Eleazar.

— Esse um. Fala pro Eleazar recolher do meio dos restos do incêndio os queimadores de incenso que os tais revolucionários empunhavam no momento em que morreram. Os queimadores de incenso são sagrados, você sabe. Então vocês vão mandar fundir os queimadores e fazer com o metal deles finas lâminas. Depois vão usar essas lâminas para fazer uma cobertura para o altar. Isso servirá como memorial do que aconteceu aqui hoje. Assim vocês vão se lembrar que só os descendentes de Arão podem queimar incenso aqui. Incenso é coisa sagrada, porra.

Moisés passou a ordem a Eleazar, que começou a recolher os queimadores de incenso do meio das cinzas.

Tudo aparentava voltar à normalidade. Mas quem disse que esse povo consegue viver sem revoltas? Impressionante! Deve ser por causa do tédio no meio do deserto, sei lá. O fato é que já no dia seguinte começou a agitação no acampamento. O povo acusava Moisés e Arão pela morte de Coré, Datã e Abirão (e o tal de Om, hein? Tá, tá, esqueçam o Om), além dos 250 "revolucionários". Não deixavam de ter razão: Moisés sabia de antemão que Javé levava muito a sério esse negócio de incenso — lembremo-nos de **Nadabe e Abiú** — então por que desafiara os caras para um torneio de queima de incenso? Se o incenso queimado por mãos erradas fôra a causa da chacina — era o que aparentava — então de fato Moisés e Arão podiam ser considerados culpados.

É, mas quem tem padrinho não morre pagão: Vendo que o povo se revoltava novamente, deus não quis nem saber do que se tratava. Foi logo gritando:

— MOISÉS! ARÃO! Agora não adianta vocês implorarem pela vida desse povinho aí, que é hoje que eu acabo com tudo.

Dessa vez parecia tudo perdido mesmo. Javé estava mais disposto do que nunca a cumprir sua ameaça de acabar com o povo que escolhera. Porém Moisés, numa súbita inspiração, resolveu tentar um último truque:

— Arão, rápido! Pega seu queimador de incenso, bota umas brasas do altar nele e vai pro meio do povo oferecer incenso pra acalmar o Javé. Ele gosta tanto desse cheiro que é capaz de desistir de matar todo mundo.

— Moisés! Cê não tá gaguejando!!! MILAGRE!

— O q-quê? C-como???

— Nada não, esquece.

— V-vai r-rápido, A-Arão, que a e-epidemia já e-está co-começando.

Uma cartada desesperada, é verdade, mas como bem disse o apóstolo Paulo milênios depois, o que é um peido para quem está cagado? Além do mais, algumas pessoas já começavam a passar mal, a vomitar e desmaiar. Em poucos segundos a epidemia mandada por deus já fazia seus primeiros mortos.

Arão, que de besta só tinha a cara e o jeito de ser, correu o mais que suas octagenárias pernas permitiam para fazer logo o que o irmão propusera. Já no meio do acampamento, com o queimador de incenso erguido acima da cabeça, esperava aplacar a ira de deus:

— Oooooolha, Javé! Incenso! Incenso cheiroso! Ó, que gostoso o incenso. Agora calma, Javé... Caaaaaaaaaaaaalma... Caaaaaaaaaaalma... Caaaaaaaaaaaalma...

E não é que a idéia estapafúrdia de Moisés deu resultado? A epidemia parou de se alastrar, deixando um saldo de catorze mil e setecentos mortos. Coisa pouca! Ah, e não nos esqueçamos dos 250 de antes, além de Coré, Datã, Abirão e Om.

Não, Om não. Tem nenhum Om nessa história.

Ahan.

Então. E tudo isso por causa de incenso, vejam vocês! Eu se fosse hare-krishna tomava mais cuidado...

A vara de Arão (*Números 17*)

Este é mais um capítulo que parece ter sido plantado para amenizar o impacto do capítulo anterior. Morreram quase 15 mil pessoas por causa de incenso, aí pra gente esquecer isso vem um capítulo falando de **vara**.

Putz, isso não vai dar certo. Peraí.

...

Negócio seguinte: vou precisar da colaboração de vocês para conseguir levar este capítulo até o final. O problema é que falar-se-á muito de **vara** neste trecho da narrativa. É **vara** pra lá, **vara** pra cá, uma loucura. Mas nós somos todos adultos, maduros, há muito tempo abandonamos

os risinhos à socapa típico de pré-adolescentes sempre que confrontados com o vocábulo **vara**. Dito isto, toquemos o barco.

...

Bom, Javé foi falar com Moisés, como sempre:

— Moisés, conclame os chefes das doze tribos. Cada um deles trará uma **vara** com seus respectivos nomes escritos. E na **vara** da tribo de Levi será inscrito o nome de Arão. E então...

— Pffff...

— Que porra foi essa?

— Hnnf... N-nada não. C-continue. GHNF...

— Eu, hein... Bom. Você vai botar as **varas**...

— PFFFFFFFF...

— QUE FOI AGORA???

— Pfff... Nada n-não, Ja-Javé. Ghnnnnnf!

— FALA, PORRA!

— É que... PFFFFffffffffHAHAHAHAHAHHAAHAHAH... P-PORRA, JA-JAVÉ! HAHAHAHA! V-VOCÊ FA-FALANDO DE **V-VARA** T-TODA HORA F-FICA E-ENGRAÇADO! HAHAHAHAHAHAHAH!

— Porra, Moisés, deixa de ser retardado! Parece moleque, não pode ouvir falar em **vara** que...

— **V-VARA**! HAHAHAHHAHAHAHAHAHAHAH!

— CALABOCA! TÔ FALANDO UMA PARADA SÉRIA AQUI! TÁ QUERENDO ME DEIXAR NERVOSO, MOISÉS???

— ...

— Onde é que já se viu! HUMPF... Como eu ia dizendo, cê vai botar as va...

— Pffff...

— CONTROLE-SE, CARALHO!

— Tá b-bom, tá b-bom...

— ORAS! Cê vai botar as porras das **varas** na frente da Arca do Acordo.

— P-posso f-fazer uma p-perguntinha?

— Claro.

— P-pra q-que cê q-quer t-tanta **v-vara**, Ja-Javé...?

— Moisés. Cê tá me sacaneando?

— L-Longe de m-mim!

— Hum. Sei... Eu vou fazer um milagre aí com essas **varas** que é pra esse povo aprender a me respeitar.

— Ah, mi-milagre... L-legal. M-mas não v-vai s-sumir n-nenhuma **v-vara** não, n-né?

— CÊ TÁ ME SACANEANDO, SEU PUTO!

— C-claro que n-não!

— TÁ SIM!

— N-não s-sou nem d-doido, Ja-Javé!

— Grunf. Olha, vai logo fazer o que eu mandei, sem mais perguntas.

Moisés achou que já tinha sacaneado o suficiente, então saiu para cumprir a ordem. Chamou os chefes das tribos, explicou o lance todo das **varas**, todos fizeram as piadinhas de praxe. Horas depois Moisés entrava no Tabernáculo trazendo as **varas** dos líderes...

— *Pffffffffffffffffffffff....*

CALABOCA!

Pois então, Moisés deixou as **varas** lá na frente da Arca e foi pra casa cuidar de sua vida. No dia seguinte entrou no Tabernáculo e viu, estupefato (*estupefato!*), que a **vara** de Arão tinha brotado. E além de brotos, tinha flores e amêndoas.

— *HAHAHAHAHAHAHAHAHAHAHAHAHAH!*

Porra, assim não dá. Deixa eu contar a história, seu feladaputa!

— *...*

ORAS! Como eu dizia, a **vara** de Arão brotou. Moisés então levou as **varas** de volta aos seus donos, e todos viram o que tinha acontecido. Javé, no entanto, ordenou que a **vara** de Arão permanecesse na frente da Arca, como lembrete de seu poder e toda aquela coisa megalômana que a gente já conhece.

O povo, vendo aquele sinal sem razão de ser e totalmente fora de contexto, ficou confuso. Além do mais, traumatizados pela seqüência de castigos desproporcionais perpretados por seu deus, entraram em pânico, pensando que talvez o milagre da **vara** fosse um sinal, e começaram a se desesperar dizendo que iam morrer todos, que quem chegasse perto da Arca morreria, e nóis *vamu tudo morrê*, *nóis vamu tudo morrê*. Não me perguntem o porquê dessa histeria coletiva. Talvez eles achassem que todo esse negócio de **vara** era uma metáfora, e seu significado é que iam todos tomar no cu.

Mas isso não passa de mera conjetura.

DIREITOS E DEVERES DOS LEVITAS E SACERDOTES *(NÚMEROS 18)*

Depois que quinze mil pessoas foram massacradas por causa de incenso, deus quis amainar um pouco o clima pesado falando em vara. Mas esse negócio das varas foi mal

interpretado e só fez o povo ficar mais cabreiro, então deus resolveu que precisava repisar algumas regras e estabelecer outras. E aí vem mais um capítulo cheio de leis e rituais, aquela coisa chata que suportamos durante todo o Levítico e de que não conseguimos nos livrar totalmente no livro dos Números. Em resumo, as leis para os levitas e sacerdotes ficaram assim:

- Arão, seus filhos e todos os levitas seriam responsáveis pelo trabalho no Tabernáculo, mas só os sacerdotes pagariam o pato por qualquer cagada feita. Javé fez isso para evitar matar levitas toda vez que algo saísse errado na Tenda Sagrada. Porque se continuasse assim, logo logo ele ia ter que importar levitas
- Os levitas não deveriam chegar perto do Lugar Santíssimo do Tabernáculo (atrás da cortina) nem do altar
- Toda oferta que fosse trazida ao Tabernáculo e não fosse queimada seria dada aos sacerdotes. Isso incluía animais, cereais, azeite e vinho. Tudo do bom e do melhor.
- Os levitas (incluindo-se aí Arão e seus filhos, os sacerdotes) não podiam ter propriedades
- Os dízimos trazidos pelo povo pertenciam aos levitas. Só que tinha uma maracutaia aí: do que os levitas recebessem, deveriam dar dez por cento a Arão, um dízimo do dízimo. Então se um israelita tinha cem ovelhas e dava dez de dízimo, uma delas seria dada a Arão automaticamente e as restantes seriam dos levitas. Cheio de privilégios, esse Arão.
- Os outros israelitas não deveriam se aproximar do Tabernáculo. Isso foi determinado para evitar levantes e tentativas de tomada do poder no acampamento.

Basicamente é isso. Blablablá, chateação. O próximo capítulo também é chatinho, e depois as coisas voltam a acontecer. Tenham paciência.

A ÁGUA DA PURIFICAÇÃO *(NÚMEROS 19)*

Se vocês prestaram atenção na história até agora — do que duvido — terão notado que as cerimônias de purificação até que eram bem simples: o cara tá imundo, toma um banho, lava a roupa que estiver vestindo e ao pôr-do-sol será considerado puro novamente. Fácil, não? Só que agora os israelitas vão passar 40 anos no deserto e deus não pára um segundo de pensar em atividades para manter suas cabeças ocupadas. E quando eu digo "suas cabeças", refiro-me às cabeças dos israelitas, não às de deus. Se é que deus... Bom, vocês entenderam.

Neste capítulo, por exemplo, ele resolveu complicar o ritual de purificação inventando uma tal água especial a ser usada na cerimônia. E preparar a tal água não era tão fácil assim: o povo levaria ao sacerdote Eleazar (filho de Arão, vocês já deviam saber, tanto pelo nome do cara como pelo fato de todos os sacerdotes serem filhos de Arão, mas vocês não prestam mesmo atenção em porra nenhuma)... Onde é que eu estava mesmo? Eu sempre me perco nesses parênteses muito longos. Ah, sim! O povo levaria ao Eleazar uma vaca vermelha.

— *Porra, cê se perdeu mesmo. Mané vaca vermelha!*

É SÉRIO! UMA VACA VERMELHA! E uma vaca vermelha especial, que nunca tivesse trabalhado na lavoura, vejam só. A pobrezinha da vaca seria levada para fora do acampamento e

sacrificada na presença de Eleazar. Feito isso, Eleazar pegaria o sangue com o dedo para borrifá-lo sete vezes na direção do Tabernáculo. Em seguida a vaca seria queimada juntamente com um pedaço de madeira de cedro, um galho de hissopo e um pedaço de lã vermelha. Feita esse despacho, Eleazar deveria tomar um banho e lavar as roupas para poder entrar no acampamento, ficando impuro até o pôr do sol.

E com isso deus mudou a cerimônia: A partir de então qualquer pessoa ou objeto que ficasse impuro por contato com um defunto deveria ser borrifado com a água da purificação, que nada mais era do que água misturada com as cinzas da pobre da vaca.

Pronto, basta de rituais. No próximo capítulo o bicho começa a pegar de novo.

A MORTE DE MIRIÃ E A ÁGUA DE MERIBÁ *(NÚMEROS 20:1-13)*

Este é um capítulo deveras estranho. Começa dizendo que o povo de Israel foi para o deserto de Zim e acampou em Cades, e que ali Miriã morreu e foi sepultada. Só isso. Miriã, a irmã mais velha sem a qual Moisés talvez tivesse sido apenas um príncipe egípcio, Miriã que ajudou o irmão a fazer um som depois da travessia do Mar Vermelho. As mulheres não merecem mesmo muito destaque na Bíblia, ainda mais mulheres bocudas feito Miriã.

Bom, depois dessa menção *en passant* à morte da irmã de Moisés e Arão, ficamos sabendo que não havia água ali onde o povo estava. Então os israelitas começaram com o mesmo reme-reme de sempre: Ah, que aqui não tem água, Ah, que vocês nos tiraram do Egito para que morrêssemos no deserto, Ah, que merda, Ah, puta que pariu. Moisés e Arão, pobres coitados, foram até o Tabernáculo para perguntar a Javé o que deveriam fazer.

— O quê??? Esse povinho já tá reclamando de novo?

— P-pô, Ja-Javé, t-tenta e-entender. N-não t-tem á-água aqui n-nesse l-lugar.

— É um DESERTO, Moisés! O que você queria?

— M-mas s-sem á-água vai a-acabar m-morrendo t-todo mundo...

— Ai meu saco... Tá, tá, vou dar um jeito. Cê vai pegar a vara que está na frente da Arca, aquela que brotou e coisa e tal. Então você e Arão vão reunir o povo em volta daquela rocha ali e na frente de todos vocês vão ordenar à rocha que dê água. A água sairá da rocha e esse povo chato vai calar a boca. Entendeu, Moisés?

— E-entendi.

— E vê se faz tudo do jeito que eu falei. Não inventa.

Então Moisés pegou a vara...

— *Hehehehehe...*

Calaboca, porra. Moisés pegou a tal vara e foi, juntamente com Arão, reunir o povo. Quando conseguiram um silêncio razoável, Moisés pronunciou-se:

— Ô p-povo b-bunda! S-será que e-eu v-vou ter q-que ti-tirar água d-dessa r-rocha p-para vocês c-calarem a b-boca?

Dizendo isso, Moisés bateu duas vezes com a vara na rocha, e dela saiu água suficiente para dar de beber a todo o povo e aos animais.

Que maravilha, não? É... Mais ou menos. Vocês não contavam com a veadagem de Javé:

— MOISÉS, QUE PORRA FOI AQUELA???

— N-nem vem, Ja-Javé. F-fiz t-tudo do jeito que v-você m-mandou.

— Fez foi porra nenhuma! Do jeito que você fez parece que o milagre foi seu. E ainda bateu na rocha! Eu não mandei apenas ordenar à rocha que desse água? Cê tá querendo ser mais que eu, Moisés?

— L-longe de mim, Ja-Javé!

— Bah! Agora já decidi: Nem você nem Arão vão entrar na Terra Prometida.

— M-m-m-mas...

— E NÃO CHIE!

E assim foi decidido o futuro de Moisés: Conduzir um povo cabeça dura por um deserto desgraçado a troco de nada. É, pelo jeito deus não gosta de improviso... O lugar onde a pedra jorrou água foi chamado Meribá, que é "reclamação" em hebraico.

— Peraí, ô Chicoteia! Acho que você já contou essa história...

Pois é. Já contei, vocês devem se lembrar. Mas não é culpa minha: a Bíblia repete mesmo a história do Êxodo 14, com alguns detalhes de diferença. Pra quem busca verossimilhança na Bíblia, tá aí um nó difícil de desatar.

O REI DE EDOM ATRAPALHA A VIDA DOS ISRAELITAS *(NÚMEROS 20:14-21)*

Saindo de Cades, o segundo melhor caminho para Canaã era atravessando o país de Edom, como vocês podem ver no **mapa**. O melhor caminho era seguir para o norte, pela terra dos filisteus. Mas logo depois da travessia do Mar Vermelho o povo **evitou a Filistia** por causa da guerra, e ia continuar evitando-a. Pois então o jeito era mesmo passar por Edom. Então Moisés escreveu uma carta para o rei daquele país:

> À Vossa Majestade, supremo Rei de Edom, protetor dos filhos de Esaú,
>
> Como é que vai essa força, majestade? Olha, o senhor não repare eu não ter ido pessoalmente conversar aí no seu palácio. Acontece que eu sou gago, e se o senhor me recebesse não ia ter paciência para me ouvir. Vai por mim.
>
> Bom, talvez o senhor não me conheça, mas com certeza já ouviu falar do povo que marcha pelo deserto sob minha liderança. Fomos escravos no Egito por séculos, e há coisa de um ano nosso

deus nos tirou de lá. Javé, o nome dele. Meio temperamental, mas melhor do que nada. Faz umas coisas bem legais às vezes. Fez a gente passar pelo Mar Vermelho, tirou água da rocha, mandou codornas para nos alimentar. Mas de vez em quando fica nervoso por bobagem e mata vários dos nossos. Aliás, se continuar assim vamos acabar perdendo a luta com o deserto por W.O.

Enfim, melhor eu ir direto ao ponto: nós somos todos descendentes de Jacó, que era irmão de Esaú, do qual vocês, edomitas, são descententes. Podemos nos considerar parentes, portanto. Então eu queria pedir a Vossa Majestade que nos permita passar pelo seu país. Estamos agora na terra de Cades e a caminho de Canaã. O melhor caminho para nós seria pela Filistia, mas o senhor deve saber que o bicho tá pegando por lá. Se o senhor autorizar nossa passagem, prometemos não comer o fruto da terra nem beber a água de seus poços. Não sairemos da estrada principal. É só uma passagem mesmo, mais nada. Não queremos atrapalhar, só chegar mais rápido ao nosso destino.

Certo de que contarei com a bondade e compreensão de um parente, despeço-me mui atenciosamente,

Moisés, aquele.

Moisés mandou a carta por um mensageiro e ficou roendo as unhas de ansiedade na espera da resposta. Resposta que chegou depois de alguns dias:

Moisés,

Não.

Rei de Edom — quem manda nesta porra sou eu.

Moisés ainda tentou argumentar. Mandou outra carta, reafirmando que só queriam mesmo passar por Edom, sem sair da estrada principal, e que pagariam pela água que porventura bebessem. Agora, coloque-se por um momento no lugar do rei: o líder de um exército de 600 mil homens pede para passar pelas suas terras e garante que não vai fazer nada, que não vai sair da estrada principal. Você acreditaria? Não ia pensar que esse povo estava querendo mesmo era invadir seu país? Pois então, foi isso mesmo que o rei de Edom pensou: convocou seu exército para ir no encalço dos israelitas.

Só que no fim das contas Moisés estava falando a verdade, tanto que o povo de Israel nem reagiu, apenas desviou-se e seguiu por outro caminho.

A MORTE DE ARÃO *(NÚMEROS 20:22-29)*

Como vimos no último capítulo, o rei de Edom proibiu os israelitas de passarem pelo seu país, o que os obrigou a tomarem outro caminho. Então sairam de Cades e foram para o monte Hor, que ficava na fronteira de Edom. Mal assentaram acampamento, deus chamou Arão e Moisés para o Tabernáculo.

— SEUS PUTOS!

— Q-que f-foi a-agora, Ja-Javé?

— AQUELA PRESEPADA DE VOCÊS EM MERIBÁ AINDA ESTÁ ATRAVESSADA NA MINHA GARGANTA! IDIOTAS! PRECISAVAM BATER NA PEDRA? PRECISAVAM???

— Calma, Javé. Não é pra tanto.

— Não é pra tanto? NÃO É PRA TANTO, ARÃO??? Pois quer saber de uma coisa? Você não vai entrar em Canaã.

— Ué, disso eu já sei. Nem eu nem o Moisés.

— Ah. Então você sabe o porquê...

— Claro que sei! Porque você é um cara cheio de viadagens, que não admite ter sua vaidade ferida.

— COMO É QUE É???

— A-Arão, f-fica q-q-q-quieto...

— Não torra, Moisés. Já cansei dessa palhaçada. Estamos com mais de oitenta anos e temos que agüentar isso? Fazemos tudo o que o cara quer, até as coisas mais absurdas, e ele vai encanar justamente com um detalhezinho besta? Qualé a tua, Javé?

— Arão, melhor você não abusar da minha paciência.

— Abuso sim! Você já abusou demais da minha, agora é minha vez! Não agüento mais essas suas regrinhas, esses rituais todos, essas roupas ridículas que sou obrigado a vestir! EU NÃO AGÜENTO MAIS!

— A-Arão, n-não f-faz i-i-isso...

— Deixa ele, Moisés. Então é isso, Arão? Você não quer mais rituais?

— Não.

— E não gosta das suas roupas?

— Não.

— Tá cansado de ser sumo-sacerdote, Arão? Quer pedir demissão?

— Quero.

— Tudo bem, então.

— Como assim, tudo bem???

— Tudo bem, oras. Você não é mais sumo-sacerdote.

— Mas assim, tão fácil? Que beleza!

— Pois é! Mas só tem uma coisinha...

— Diga.

— O seu contrato de sumo-sacerdote é vitalício. Então para rescindi-lo é necessário que você morra.

— Epa. Peraí.

— Pois é. Vai ser assim.

— Não, Javé. Calma lá! Vamos conversar!

— Já conversamos. Moisés?

— S-s-sim...?

— FALA QUE NEM HOMEM, CARALHO!

— D-diga, Ja-Javé.

— Você vai subir ali no monte Hor com Arão e o filho dele, Eleazar. Lá em cima você vai tirar a roupa do seu irmão, já que ele não gosta mesmo, e vesti-la em Eleazar, que passará a ser o sumo-sacerdote. Então vocês vão descer e Arão vai morrer lá em cima.

— M-mas Ja-Javé! E-ele é m-meu i-irmão e m-meu m-melhor a-amigo!

— Tenho nada com isso. Faz o que eu mandei antes que eu fique puto com você também.

— M-mas...

— Deixa, Moisés. Se é assim que ele quer, que seja. Já estou velho, a morte é questão de pouco tempo mesmo. Pelo menos me livro do fardo que é guiar esse povo reclamão e cabeça-dura pelo deserto. Só desejo sorte a você, meu irmão. Você vai precisar.

De nada adiantaria mesmo Moisés reagir: teria que levar seu próprio irmão para a morte. E assim o fez, acompanhado de Eleazar. Vocês podem imaginar a tristeza de ambos sabendo que desceriam do monte Hor sem o irmão e o pai, respectivamente.

E foi assim a morte de Arão: sozinho e nu no alto de um monte no meio do deserto. É justo um velho que trabalhou a vida inteira para um deus ser morto por esse mesmo deus dessa maneira tão desonrosa? Responda quem puder.

A derrota do rei Arade *(Números 21:1-3)*

Bom, Arão morreu, o povo ficou de luto por 30 dias. Mas ninguém pode chorar para sempre, a vida continua, agora é bola pra frente, aquele papo todo de velório. Então o povo continuou sua caminhada pelo deserto, tomando cuidado para evitar Edom e a Filistia.

Acontece que Arade, rei de um território ao sul de Canaã, ficou sabendo que o povo de Israel se aproximava de suas terras. A fama dos israelitas já era conhecida de toda a região, todos sabiam a história do povo que tinha saído do Egito e agora marchava na direção de Canaã. E já falei aqui sobre os receios que devia despertar aquela multidão de cerca de três milhões de pessoas avançando em bloco pelo deserto. Muitos até agora temeram aquele povaréu, muitos ainda o temerão, e Arade não foi exceção: veio com seu exército e atacou os israelitas, levando alguns deles como prisioneiros.

Aí foi demais pra paciência dos hebreus. Tinham perdido um de seus líderes recentemente, sabiam-se condenados a 40 anos de peregrinação inútil pelo deserto, e ainda vinha um reizinho mequetrefe de quinta categoria atacá-los? Ah, não! E aqui, talvez pela primeira vez desde a escravidão no Egito, vemos o povo de Israel dirigindo-se diretamente a deus, sem o intermédio de Moisés:

— Javé, se você der uma força aqui pra nós, vamos acabar com a raça desses caras aí.

Javé deu ouvidos à oração do povo (precisava agradá-los, depois da injustiça contra Arão) e os israelitas não se fizeram de rogados: acabaram com o reino de Arade, matando homens, mulheres e crianças e destruindo as cidades. Aquele lugar passou a se chamar Horma, que é *destruição* em hebraico.

E vão se acostumando: daqui pra frente os genocídios perpetrados por Israel tornar-se-ão comuns. E tudo com a bênção de deus, é claro.

A SERPENTE DE BRONZE *(NÚMEROS 21:4-20)*

*Muito bem, meninas! Aproveitando o tom mais livre, leve e solto do blog, hoje vamos falar de **COBRA**! Segurem-se nas cadeiras!*

Depois do massacre em Horma (o primeiro de muitos), o povo de Israel continuou seu caminho tortuoso para evitar passar por Edom. Para isso, começaram a andar pelo caminho que ligava o Monte Hor ao Mar Vermelho. O povo começou a ficar cabreiro com isso: já fazia um tempão que tinham atravessado o Mar Vermelho, e agora iam ter que voltar? E aí vocês já devem saber o que aconteceu: começaram a reclamar, desfiando a mesma ladainha de sempre, Moisés-tirou-a-gente-do-Egito-para-morrermos-nesta-porra-de-deserto. A reação de deus dessa vez pelo menos foi original: em vez de mandar outra epidemia, enviou serpentes venenosas para o meio do acampamento dos israelitas.

E a história se desenrola daquele jeito de sempre: o povo fica desesperado e vai pedir penico a Moisés, que vai falar com deus e pedir pra ele maneirar, pra que tudo isso, veja bem.

— Tá, Moisés. Mais uma vez eu vou te dar ouvidos. Mas dessa vez vai dar mais trabalho: você vai fazer uma serpente de bronze e pregá-la num poste. Quem olhar para a sua cobra ficará curado. Pescou? Pescou? SUA COBRA! HAHHAHAHAHAH!

— Hum... M-mas Ja-Javé, até e-eu a-arrumar a-alguém pra f-fazer a s-serpente, e d-depois a-até f-ficar p-pronta, v-vai m-morrer um m-monte de ge-gente!

— E daí? Você deveria ficar feliz por eu ainda dar essa chance a vocês. Há muito tempo eu já deveria ter acabado com vocês e escolhido outro povo. Não sei o que eu tinha na cabeça quando fiz minhas promessas a Abraão. Devia ter feito acordo com o antepassado dos japoneses, aqueles sim são disciplinados... Bom, vai fazer a cobra ou vai esperar o povo morrer?

— V-vou f-fazer.

— Muito bem.

Então Moisés mandou fazer a serpente de bronze e a pendurou num poste. Quando alguém era mordido por uma cobra, olhava para a escultura e ficava curado.

Essa tal serpente de bronze ainda aparece em dois momentos muito distintos na Bíblia. Cerca de 600 anos depois da peregrinação pelo deserto, o Rei Ezequias mandou destruir a serpente de bronze, porque o povo estava oferecendo incenso a ela e adorando-a como a um deus (2º Livro dos Reis, capítulo 18). E mais de 1500 anos depois, em seu famoso diálogo com Nicodemos (Evangelho de João, capítulo 3), Jesus Cristo diria que assim como a serpente levantada no deserto salvou a vida de milhares de pessoas picadas pelas cobras, era necessário que ele fosse levantado (crucificado) para salvar a humanidade do pecado. É por metáforas assim que eu gosto muito de Jesus Cristo, apesar do pai que tem.

O trecho seguinte do capítulo traça a rota dos israelitas depois do episódio das serpentes: saíram de Hor para Obote, depois para as ruínas de Abarim, no deserto, a leste de Moabe. Dali foram para Zerede e depois para a margem norte do Rio Arnom, que fazia a fronteira entre Moabe e a terra dos amorreus. Depois do Rio Arnom, foram beber num lugar chamado Beer. Não, não era um bar com nome inglês. *Beer*, além de ser *cerveja* em inglês é *poço* em hebraico. Ali havia um poço, claro, e finalmente puderam beber água à vontade. Saindo de Beer foram para um lugar chamado Matana, depois Naaliel e Baamote e depois para o vale abaixo do monte Pisga, em Moabe.

Esses lugares com nomes estranhos não nos interessam, é claro. Mas é bom sabermos, porque do vale os israelitas mandaram uma mensagem a Seom, rei dos amorreus. E... Bom, o que aconteceu fica para o próximo capítulo.

VITÓRIA SOBRE OS REIS DE MOABE E BASÃ *(NÚMEROS 21:21-35)*

No último capítulo vimos que, depois do episódio da serpente de bronze, os israelitas andaram, andaram, depois andaram mais um pouco e chegaram ao monte Pisga, já no território de Moabe.

Pois muito bem, de lá Moisés enviou uma mensagem a Seom, rei dos amorreus, com praticamente o mesmo conteúdo da mensagem que enviara ao rei de Edom, explicando quem eram os israelitas, de onde vinham, para onde iam, e pedindo autorização para cortar caminho

pelas suas terras. Os israelitas comprometiam-se a não tocarem nas plantações nem beberem da água dos poços. Porém, assim com o rei de Edom, Seom não acreditou na história de Moisés e mandou um exército para lutar contra os hebreus em Jaza. As semelhanças entre Seom, rei dos amorreus, e o rei anônimo de Edom acabam aí: os edomitas eram considerados pelos israelitas como irmãos, uma vez que descendiam de dois irmãos, Esaú e Jacó. Por isso, quando o exército edomita veio atacar Israel, o povo apenas escolheu outro caminho e continuou sua jornada. Os amorreus, no entanto, eram descendentes de Lot, sobrinho meio afrescalhado do patriarca Abraão que comeu as próprias filhos, dando origem aos moabitas e amorreus, como podemos ver aqui. Ou seja, parentes distantes e ainda frutos de incesto. Assim sendo, os israelitas não tiveram o mínimo prurido moral em reagir ao ataque, derrotando os amorreus e apoderando-se de suas terras desde Arnom até Jaboque, que era a parte fortificada da fronteira. Os israelitas tomaram todo esse território, inclusive a capital, Hesbom, e ficaram morando por ali.

— MORANDO, Chicoteia??? Ué, e a peregrinação de 40 anos dos caras pelo deserto?

Pois é. Não sei. Porque, vejam só, esses território aí já faziam parte de Canaã, a Terra Prometida. Ou seja, os israelitas já chegaram ao seu destino, e agora restava conquistar a terra. Talvez essa conquista aí é que vá levar 40 anos. Ou então há aqui um salto na narrativa, já que ficar descrevendo 40 anos de caminhada pelo deserto não dá Ibope a ninguém. Confesso que não sei, e não consigo encontrar nada que me esclareça a respeito. Vou continuar procurando e darei a explicação assim que a obtiver, tudo bem? Beleza! Então voltemos à narrativa, farisaiada.

Bom, até aí tudo bem. Os povo foi atacado, reagiu e venceu. No entanto, como vocês podem ver **neste mapa**, essa batalha marcava o começo da tomada de Canaã. Sim, sim, o objetivo final! Então a partir de agora começam as batalhas de conquista de território. Moisés não perdeu tempo e mandou logo espiões a Jazer, cidade vizinha, para que obtivessem as informações necessárias para a conquista da cidade, que ocorreu sem maiores problemas.

Depois de conquistarem Jazer, o povo virou-se na direção de Basã. Ogue, rei daquela terra, veio com seu exército contra ele. Os israelitas, não contentes em derrotarem o exército de Basã, ainda invadiram seu território, matando todo mundo. Aliás, em todos os lugares por onde passaram guerreando até agora, os israelitas não deixaram viv'alma. Eita povinho com sangue nos zóio!

Balaque envia mensageiros a Bambalalão, digo, Balaão *(Números 22:1-21)*

Depois de toda a carnificina, o povo de Israel partiu e acampou nas planícies de Moabe, a leste do Jordão, na mesma latitude de Jericó, que ficava do outro lado do rio, já na Terra Prometida. Quando o rei de Moabe — Balaque, o nome dele — soube que os israelitas estavam em seu território, cagou-se de medo. Ele, é claro, já sabia da destruição causada por aquele povo

no território dos amorreus. Naquela época os moabitas estava aliados aos vizinhos midianitas, então os líderes se reuniram para decidirem o que fazer:

— Nós estamos fodidos. FODIDOS!

— Caaaaaaaalma...

— CALMA O CARALHO! Com esse povo aí não tem conversa, eles chegam matando, não querem nem saber.

— Ah, mas isso foi com os amorreus. Aliás, cê soube que os amorreus mudaram de nome?

— Mudaram?

— É. Agora são os *já morreus*. PESCOU? PESCOU? *JÁ MORREUS*!

— Calaboca, porra! A gente aqui nesse perrengue e você me vem com piadinha sem graça? Esse povo aí vai fazer com a gente o que o boi faz com o pasto!

— Tá bom, Balaque. Então o que é que você propõe?

— Sei lá, sei lá! Os amorreus eram mais fortes que nós e se foderam na mão desses caras. Imagina só o que eles vão fazer com a gente... Acho que o jeito é apelar pra mandinga.

— Porra, não é pra tanto.

— Estamos desesperados, admita!

— É... Estamos. Então o que você quer? Que chamemos o...?

— Sim senhor. Só Bambalalão pode nos ajudar.

— Balaão.

— Que seja.

Muito bem, então o jeito era chamarem Balaão. Balaão era um profeta sergipano, e repentista nas horas vagas. Morava na cidade de Petor, perto do Rio Eufrates, na Mesopotâmia. Para vocês terem uma idéia do desespero de Balaque (e da fama de Balaão): o território de Moabe era um pedaço da atual Jordânia, perto da fronteira com Israel e com a Síria. Balaão morava onde hoje fica o Iraque, cerca de mil quilômetros a leste de onde morava Balaque. Mesmo assim (e sendo provável que houvesse vários outros profetas em Moabe e nos territórios vizinhos), Balaque mandou mensageiros a Balaão, lá na casa do caralho. Depois de alguns dias de caminhada, chegaram à casa de Balaão:

— Ô de casa!

— Ô de fora!

— Podemos entrar?

— Não reparem a bagunça.

— Seu Bambalalão?

— Balaão, um seu criado.

— Ah, desculpe.

— Tudo bem, seu menino. Todo mundo confunde.

— Imagino. Pois então, Seu Balaão.

— Precisa me dar senhoria não, rapaz. Queisso! Me chama só de Balaão. Ou de Bala.

— Então, Balaão. Viemos da parte de Balaque, rei de Moabe. Conhece?

— Já ouvi falar.

— Pois então. Ele manda dizer que um povo inteiro saiu do Egito e está espalhado por todo canto. Pior: agora foram morar perto da gente. E estamos com medo deles.

— Sei, ouvi falar desse povo aí. Hebreus. O deus deles é gente boa.

— Você conhece o deus deles?

— Claro! Rapaz, eu sou um profeta arretado de bom, não sou aqueles mequetrefes que vocês têm lá em Moabe não! Conheço tudo quanto é deus que tem por aí, inclusive o dos hebreus, Javé. Meio nervosinho, mas uma boa companhia. Ele vem pra cá, a gente conversa um bocadinho, ele senta ali na rede, fica fumando um baseado, eu fico aqui tocando minha violinha, ele pede umas músicas. Gente boa mesmo.

— Bom, acho que isso facilita as coisas. Porque, como eu dizia, estamos com medo dos israelitas.

— Sei, sei. Mas o que vocês querem que eu faça, se mal lhes pergunto?

— Queremos que você vá até lá e amaldiçoe os israelitas.

— Amaldiçoar, é?

— É. Sabemos da sua fama, Balaão. Sabemos que se você os amaldiçoar teremos uma chance.

— Sei. E tem um dinheirim nisso aí?

— Claro, claro! Tá aqui, ó.

— Deixa eu ver... Hum... É, dá pras despesas da viagem e pra um licorzinho de jenipapo.

— E então, Balaão? Você vai com a gente.

— Olha, rapaz, vamos fazer o seguinte: vocês passam a noite aqui comigo. Hoje à noite Javé deve vir aqui, fiquei de entregar pra ele uma garrafada de catuaba com capim-santo. Aí eu falo com ele a respeito, talvez nem precise ir com vocês.

— Tá bom então, Balaão.

Os mensageiros de Balaque ficaram por ali. À noite, deus foi à casa de Balaão.

— Ô de casa!

— Ô de fora!

— Tudo bem aí, Balaão?

— Tudo daquele jeito, Javé.

— Fez minha garrafada?

— Fiz sim. Tá aqui, ó. Não vá exagerar, um golinho por dia já tá bom demais.

— Beleza... Tá com visita, é?

— Pois é, rapaz... Moabitas, midianitas, aquela gente lá.

— Vixe, vieram de longe. Que que eles querem?

— Querem que eu vá com eles pra amaldiçoar um povo que saiu do Egito e está por lá agora.

— Que povo? Os israelitas?

— Esses aí.

— O MEU povo, Balaão?

— É.

— E você vai fazer o que eles pedem?

— Pois é, isso é que eu queria perguntar pra você. O pagamento é bom, olha só. A gente pode repartir meio-a-meio...

— Sei não, Balaão... Trabalheira do cão conduzir esse povo por quarenta anos pelo deserto, para agora entregá-lo assim? Justo agora que estão tão perto do objetivo? Sei não... Vai ficar parecendo o time do Santos.

— Sei como é, Javé. Então o melhor é eu não aceitar a oferta deles?

— É isso aí.

— Então estamos conversados.

— Você é um bom homem, Balaão.

— Não por isso.

Na manhã seguinte Balaão serviu um café reforçado para os mensageiros (com inhame e tudo mais), devolveu o dinheiro e comunicou sua decisão. Abatidos, os mensageiros voltaram para Moabe e avisaram a Balaque que Balaão não quisera ir. Balaque, o Cagão, ficou mais desesperado ainda.

— Ai caralho! O cara não vem? Como assim, não vem???

— Pois é, majestade. Não quis vir não.

— Ô MERDA! Mas também, mandei uns zé-manés pra falar com o cara, claro que ele não se impressionou.

Então Balaque mandou outros mensageiros até Petor, dessa vez em maior número e importância.

— Ô de casa!

— Ô de fora!

— Balaão, viemos da parte de Balaque, rei de...

— Rei de Moabe, tô sabendo. Ele mandou outros sujeitos pra cá dia desses. Só que os carros deles não eram importados não...

— Er... Pois é, Balaão, é que Balaque quer MUITO que você venha nos ajudar, por isso nos mandou, os principais líderes de Moabe, para que falássemos com você.

— Sei. Mas eu já não disse que não vou, rapaz?

— Disse, disse. E respeitamos sua decisão! Mas não custa nada negociar, não é mesmo?

— Se você diz...

— Pois Balaão, o rei manda dizer que vai te pagar quanto você quiser, desde que você faça o favor de nos acompanhar até Moabe e amaldiçoar os israelitas.

— Rapaz, rapaz... Mesmo que Balaque me desse toda a riqueza de Moabe, eu não poderia fazer nada. Javé, o deus dos israelitas, me proibiu de amaldiçoar seu povo. E não sei se vocês sabem, Javé é um sujeito pedra noventa, mas o melhor é não contrariar ele. Vira bicho!

— Então tá, Balaão. Vamos voltar para nossa terra para sermos todos mortos.

— Ê, rapaz, pra que tanto drama? Olha, vamos fazer assim: hoje Javé vem aqui pra me trazer umas cordas pra viola que ele comprou na feira de Caruaru. Então passem a noite aqui e vamos ver no que dá.

Sem botarem muita fé, mas também sem alternativa melhor, os líderes ficaram na casa de Balaão. E naquela noite Javé veio de novo, e Balaão explicou pra ele o que acontecia.

— Eita, Balaão. Esses caras não desistem, né?

— Pois é, Javé. Pense nuns cabras desesperados! Me ofereceram tudo o que eu quiser como pagamento.

— Tudo o que você quiser?

— É.

— Rapaz, o tal Balaque tá mesmo com o cu na mão. Hum... Faz o seguinte: Se arruma e vai com eles pra Moabe. Mas só faça o que eu mandar, beleza?

— Tudo bem.

No dia seguinte Balaão comunicou sua decisão aos moabitas, que quase explodiram de felicidade. Só não o fizeram porque a moda dos homens-bomba ainda não havia chegado ao Oriente Médio. Brindaram ao sucesso de sua missão com licor de cupuaçu e começaram a se aprontar para a viagem de volta. Balaão também se aprontou, preparou sua jumenta e partiu com eles.

Balaão e sua jumenta protagonizarão um dos momentos mais engraçados e absurdos desse livro engraçado e absurdo que é a Bíblia. Mas fica para o próximo capítulo.

BALAÃO, A JUMENTA E O ANJO *(NÚMEROS 22:22-41)*

Não. Ao contrário do que o título possa sugerir, este NÃO É um capítulo sobre bestialismo e pederastia. Parem de pensar besteira e prestem atenção na história.

Conforme vimos no último capítulo, no fim das contas deus autorizou a Balaão que fosse com os moabitas. E lá foi ele montado em sua jumenta Josefina. Só que aconteceu um negócio meio chato: Javé encheu a cara de licor de jenipapo, esqueceu-se que tinha deixado o cara ir, e ficou muito puto. Não é a primeira vez que ele apresenta esse comportamento deplorável: quando Moisés saiu da casa do sogro para voltar ao Egito e cumprir a missão que lhe fôra determinada, deus também encheu a cara e quase matou o pobre gago. Dessa vez foi igual. Só que ele não conseguia nem ficar em pé, então mandou um anjo para encontrar Balaão no caminho.

E lá foi o anjo, voando com seu GPS na mão até encontrar o profeta na estrada, dormindo no lombo da jumenta. Então o anjo postou-se no meio do caminho. Balaão não viu nada, claro, mas a pobre da Josefina assustou-se e saiu da estrada, enfiando-se numa plantação. A saída da estrada causou um tranco que acordou Balaão. O profeta ficou puto:

— Ô jumenta filha da peste! Quem foi que mandou você sair da estrada? Quem foi?

E deu várias bordoadas na Josefina que, resignada como é da natureza asinina, voltou para a estrada sem reclamar. O anjo ficou puto com o contratempo e voou para outro ponto da estrada, onde o encontro fosse inevitável, e Balaão, é claro, dormiu de novo. O anjo ficou em pé num ponto do caminho entre duas plantações de uvas, que tinha um muro de cada lado. "Ah, dessa vez ele me vê". Qual o quê! Dormia feito uma pedra enquanto a jumenta, mais uma vez assustada pelo anjo, começou a andar rente ao muro para tentar desviar-se dele. Balaão, sentindo a perna prensada contra o muro, acordou de novo, mais furibundo ainda. Desmontou e começou a xingar e bater na jumenta — "Ô Josefina feladaputa sem-vergonha mal parida!" — infelizmente de costas para o anjo, que apenas balançou a cabeça com ar impaciente e foi procurar um lugar melhor do caminho.

Balaão montou de novo e prosseguiu viagem resmungando contra a jumenta. Em pouco tempo, embalado pelos próprios resmungos, pegou no sono de novo. O anjo, por sua vez, havia se colocado numa parte estreita do caminho, por onde só passava mesmo a jumenta. Ao ver o anjo pela terceira vez, Josefina pensou "Puta merda, é hoje..." e deitou-se no chão. Balaão saiu do sério de vez:

— Ô JUMENTA DESGRAÇADA DA PESTE DA MOLÉSTIA DO CÃO! Ô JUMENTA AMALDIÇOADA! JUMENTA SEM JEITO! ARRE ÉGUA!

— Égua não. Jumenta. Mais respeito, por favor.

— !!!

— Balaão, que te fiz eu para ser tratada de forma tão cruel? Já me surraste três vezes, e proferiste inúmeros impropérios. Que pretendes com tal atitude?

— Er... Josefina... Desde quando você fala?

— Não vem ao caso. Responda-me, Balaão.

— É que você tá esquisita que só a gota hoje, Josefina! Eu juro por tudo que é mais sagrado que se eu tivesse uma ~~**esmada**~~ espada aqui, enfiava ela no teu bucho.

— Balaão, não tenho te servido por toda vida? Alguma vez apresentei comportamento estranho ou bizarro?

— Não...

— Então olha atrás de você, paspalho.

Balaão olhou e levou um susto danado ao ver o anjo em pé no meio do caminho, ~~**esmada**~~ espada na mão.. Caiu de cara no chão, implorando piedade. O anjo nem deu bola:

— Balaão, cê tá doido? Por que bateu na pobre da jumenta, uma bichinha tão leal e trabalhadeira, e além de tudo inteligente pra danar? Ela estava agindo de forma estranha por minha causa, porque eu fui mandado pra te matar. Aliás, se ela não tivesse me visto, cê já tava morto a essa hora.

— Mas... Mas Javé disse que eu poderia seguir viagem desde que fizesse apenas o que ele mandasse.

— Falou é?

— Falou. **Aqui, ó**.

— Rapaz, que negócio estranho... Olha, cá entre nós: O hômi tá num fogo só.

— E é? Foi o quê? Licor de jenipapo?

— Foi.

— Homem rapaz, licor de jenipapo é o cão!

— Pois é. Peraí que eu vou ligar pra ele... Aham... Alô. Senhor? Sou eu. Eu, o anjo que o senhor mandou pra matar o Balaão... Não, Bambalalão não. BALAÃO... Sim, mandou... Ah é? Sei... Sei... Tudo bem... Tá certo... Tá certo... Pode deixar... Sei como é... Toma um café forte e vai se deitar, é o melhor que o senhor faz. Tá bom... Tá... Tchau. É, Balaão, ele se confundiu um pouco. Tá mamado, coitado. Cê pode seguir seu caminho e fazer o que Javé mandar.

Que beleza! O cara esquece da ordem que deu e por isso quase mata um inocente. Não fosse a Josefina, que com ser leal à toda prova ainda era arretada de inteligente, a história de Balaão terminava aqui mesmo. Mas graças a Josefina ele seguiu viagem e chegou bem ao palácio de Balaque, que veio recebê-lo:

— Bambalalão!

— Balaão, majestade. Meu nome é Balaão.

— Sim, sim, que seja. Por que você não veio da primeira vez que eu mandei te chamar, rapaz? O assunto é urgente! Será que você achou que eu não teria condições de te pagar bem?

— Ô seu rei, eu tô aqui, não tô? Então pronto, não vamos revirar esse assunto, que negócio assim é feito merda: quanto mais a gente cutuca, mais fede. Vim pra cá, é isso que

importa. Mas ainda não garanto que vá ser de grande serventia pro senhor não. Só vou poder dizer o que Javé ordenar.

— Javé?

— O deus dos israelitas.

— DOS ISRAELITAS??? Cê tá do lado deles, Balaão?

— Tô do lado de ninguém não senhor. É uma história comprida demais, deixa isso pra lá. Vamos logo com isso, vamo simbora, vamo simbora, vamo simboooora!

Diante da impaciência de Balaão, o rei Balaque tratou logo de começar os preparativos para a mandinga contra os israelitas, começando por ir com o profeta até a cidade de Huzote para oferecer sacrifícios de touros e ovelhas a seus deuses. Balaque deu um pouco da carne sacrificada a Balaão e aos mensageiros que haviam ido buscá-lo.

Tudo muito bom, tudo muito bem, mas as coisas não aconteceram de acordo com os planos de Balaque. Como veremos no próximo capítulo.

A PRIMEIRA PROFECIA DE BALAÃO *(NÚMEROS 23:1-12)*

Muito bem, onde é que estávamos? Ah, Balaque ofereceu sacrifícios a seus deuses, aquela coisa toda. Pois bem. Na manhã seguinte, Balaque levou Balaão até um lugar chamado Bamote-Baal, de onde se podia ver parte do acampamento dos israelitas. Balaão olhou, coçou o queixo e disse:

— Balaque, esse menino. Faça aqui sete altares de pedra e me arrume sete novilhos e sete carneiros.

Balaque tratou logo de dar as ordens, e em pouco tempo os altares estavam prontos, bem como os animais solicitados. Então Balaque e Balaão ofereceram em sacrifício um novilho e um carneiro em cada altar.

— E agora, Balaão?

— Agora você fica aqui um bocadinho, que eu vou ali ver se Javé me diz o que fazer.

— Balaão, essa sua intimidade aí com o deus dos israelitas, sei não...

— Fique calmo, Balaque. Eu volto já.

Balaão subiu até o alto de um monte onde deus já esperava por ele.

— Eita, Balaão! Sete novilhos e sete carneiros logo cedo? Cês tão querendo me agradar mesmo, hein?

— Pois é, Javé. Todo mundo sabe que seu negócio é sangue, então trouxe esse presentinho aí pra você.

— Muito obrigado, viu? Gostei muito.

— Fico feliz, Javé. Mas e então? O homem tá doidinho pra eu amaldiçoar os israelitas. O que eu faço.

— Tá com a viola aí?

— Mas que pergunta, Javé! Mais fácil eu arrancar um braço do que me separar da minha violinha.

— Muito bem. Então volta lá e canta esses versos aqui pra eles.

— Hum... Deixa eu ver... Eita, Javé! Não é por mal não, mas esses seus versos tão ruins de lascar. Não é melhor eu dar uma garibada não?

— Foi o que eu pude fazer na pressa, e é assim que você vai cantar.

— Tá bom. Só que eu vou falar pra todo mundo que os versos são seus.

— Tudo bem.

Balaão desceu do monte e encontrou Balaque ainda do lado dos altares, ansioso.

— E aí, Balaão? Falou com o tal Javé?

— Falei sim senhor.

— E aí? E aí?

— E aí que ele me mandou cantar uma cantiga. O senhor me dá licença?

— Er... Claro.

— Pois então... Arram... Lá vai:

Balaque, rei, coronel
Foi me buscar no Eufrates
Pra lhe ajudar no combate
E falar mal de Israel
Mas como posso eu só
Se eles são feito o pó:
Ninguém consegue contar
Os tais filhos de Jacó.

Eu não posso condenar
A quem deus abençoou
E foi Javé quem mandou
Eu vir aqui lhes falar:
Queria ser israelita
Ficaria bem na fita
Eles vão se dar muito bem
Ao contrário dos moabitas...

— Que porra é essa, Balaão? Eu te chamei foi pra amaldiçoar esse povo aí, não pra vir aqui falar bem dele!

— Sei de nada não, Seu Balaque. Os versos são de Javé, ele que me mandou cantar.

— Ô, rapaz... Será que a gente não pode tentar de novo?

— Por mim, tudo bem.

— Então vamos.

— Bora.

A SEGUNDA PROFECIA DE BALAÃO (*NÚMEROS 23:13-26*)

Vamos refrescar a memória: no último capítulo — lá se vão dez dias — Balaque levou Balaão até um lugar de onde ele poderia ver uma parte dos israelitas, para que os amaldiçoasse. Mas tudo deu errado e Balaão acabou fazendo uma profecia muito favorável aos hebreus. Certo de que isso acontecera porque Balaão ficara intimidado diante da quantidade de israelitas, dessa vez Balaque o levou até o alto do monte Pisga, de onde poderia ver apenas uma pequena parte do acampamento, e pediu para que os amaldiçoasse.

— E vê se faz direito dessa vez, Balaão.

— Ô, seu Balaque, o que eu fiz não foi de má vontade não. Por mim eu mandava esses cabras da peste direto pro inferno. Mas é aquele negócio que eu te falei, eu só posso dizer o que Javé manda. Olha, eu vou ali dar uma ligada pra ele pra ver se dá pra gente resolver isso, tá bom?

— Que remédio?

Balaão ligou para Javé e descreveu a situação.

— Balaque ainda quer que você amaldiçoe meu povo?

— Pois é, Javé.

— Mas quanta teimosia! Balaão, anota aí as estrofes que você vai cantar dessa vez.

Balaão anotou verso por verso e voltou para onde Balaque estava. Olhou bem para o acampamento dos hebreus, afinou a viola, limpou o gogó e entoou as décimas:

Balaque, ouça com atenção
O que agora vou dizer
Ouça com raiva ou prazer
Mas guarde no seu coração:
Não posso jogar maldição
Sobre quem deus abençoou
Por isso agora aqui estou
Para outra vez lhe afirmar

Que Israel vai prosperar
Assim Javé determinou.

Javé não é um ser humano
Que promete e logo esquece:
O que ele estabelece
Acontece sem engano
Ele é deus soberano
Tirou seu povo do Egito
De um jeito tão bonito
Que ao mundo espantou
Foi o que ele me falou,
Eu apenas retransmito.

Marcha o povo de Israel
É mais forte que o leão
E nenhuma maldição
Pode contra esse tropel:
Entre areia, vento e céu
No meio do deserto exangue
Vêm Moisés e sua gangue
Os tais filhos de Jacó
Dos inimigos não têm dó
Devorando-lhes o sangue.

— Que porra foi essa agora, Balaão?

— Gostou não, foi?

— É CLARO QUE NÃO! Você não querer amaldiçoar os caras, tudo bem. Tá certo que eu te paguei para isso, mas vá lá. Mas também não precisa puxar o saco dos israelitas na cara dura!

— É, Balaque. Posso fazer nada não. Os versos são de Javé, eu só canto.

— Ai, meu saco... Puta que pariu! Balaão, será que a gente pode tentar mais uma vez?

— Custa nada, né?

— Então vamos.

A TERCEIRA PROFECIA DE BALAÃO

(Números 23:27-30 e 24:1-13)

Arrá! Vocês pensaram que estavam livres da palavra de deus, não é mesmo, seus infiéis? Pois podem esquecer! Vamos à terceira profecia de Balaão, e não quero ouvir chiadeira de feladaputa nenhum.

Em sua segunda profecia, proferida do alto do monte Pisga, Balaão puxou ainda mais o saco dos israelitas, levando Balaque à loucura. Mas o rei ainda tinha esperança de ver os gastos com o badalado profeta valerem a pena, então levou-o até o alto do monte Peor, de onde ele poderia ver todo o acampamento dos hebreus. Balaão pediu que fossem construídos sete altares, e que sobre cada um deles fossem sacrificados um novilho e um carneiro. Era uma despesa a mais, mas o que Balaque podia fazer? Sacrificou os animais conforme o pedido do profeta e esperou.

Depois do sacrifício, ao contrário das outras vezes, Balaão não se retirou para algum lugar isolado para falar com Javé. Balaque animou-se com isso, parecia que finalmente o profeta resolvera fazer o trabalho para o qual fora contratado. Empolgado, prestou a maior atenção à terceira profecia de Balaão, que cantou assim:

O meu nome é Balaão
eu sou filho de Beor
sou o profeta maior
posso ver na escuridão
vim pra cumprir minha missão:
dizer o que deus me mandar
E nada eu posso mudar
nem mesmo dizer diferente
porque é dele o repente
só faço mesmo é cantar.

Vejo o povo de Israel
que acampamento bonito
eu quase não acredito
parece que estou no céu
essas barracas ao léu
são como cedros plantados
e todos enfileirados
eita, que povo imponente
virá a ser mais potente
do que os mais afamados.

Israel é feito leão

que dorme bem sossegado
para puxar-lhe o rabo
é necessário culhão
eu lhes digo com razão
que esse é um povo sortudo
porque Javé lhe deu tudo
e só nos resta aceitar
pois aquele que não gostar
leva no rabo um sabugo

Balaque mal podia acreditar no que acabara de ouvir. Ficou vermelho de raiva e gesticulava contra Balaão.

— BALAÃO, VOCÊ É DOIDO? JÁ É A TERCEIRA VEZ QUE EU TE PEÇO PARA AMALDIÇOAR OS ISRAELITAS E VOCÊ SÓ LOUVA OS CARAS. E DESSA VEZ FOI MUITO PIOR. QUAL É A TUA?

— Ô, seu Balaque. O senhor também não tá colaborando. Olha pra onde me trouxe.

— HÃ???

— O senhor queria que eu amaldiçoasse os israelitas daqui de cima do monte Peor?

— QUE QUE TEM?

— Oras! Se nas outras duas vezes o negócio foi ruim, aqui só podia mesmo ser PEOR. Pescou? Pescou? PEOR!!!

— GAAAAAAAAAAAH! Balaão, volta pra sua casa, volta. Eu te prometi um belo pagamento, mas parece que o tal Javé não quer que você receba.

— Epa! Peraí, caceta! O pagamento não tava condicionado a nada disso. Desde o começo eu disse que só falaria o que Javé mandasse. O senhor vai querer me enrolar, é?

— Achou ruim? Me processe!

Frente à cara-de-pau de Balaque, Balaão só podia mesmo voltar pra sua casa às margens do Eufrates com o rabo entre as pernas. Mas não o faria sem antes cantar mais um pouco, é claro. Veremos o que ele cantou no próximo capítulo.

A ÚLTIMA PROFECIA DE BALAÃO

*(**Números 24:14-25**)*

Como vimos no último capítulo, Balaão resolveu voltar pra casa. Mas antes proferiu sua última profecia, a mais longa e abrangente de todas:

O meu nome é Balaão
eu sou filho de Beor
sou o profeta maior

posso ver na escuridão
preste muita atenção
no que vou dizer agora
pois já está chegando a hora
vou ouvir o que deus fala
na viola mandar bala
e depois eu vou-me embora

Estou olhando pro futuro
e vendo o povo de Israel
que já provou todo o fel
e sabe que o caminho é duro
mas vai permanecer puro
e será recompensado
pois é um povo marcado
pra ser sempre vencedor
com a ajuda do Senhor
deixa o mundo assombrado.

Vejo que virá um rei
de Israel feito um astro
como um cometa deixa o rastro
ele cumprirá a lei
eu lhes digo o que sei:
derrotará os moabitas
que como moças aflitas
fugirão para as cavernas
com o rabo entre as pernas
vão morar com as cabritas.

Moabe será dos hebreus
isso eu vejo claramente
os olhos da minha mente
vêem mais longe do que os seus
com o auxílio de deus
vejo Israel dominando
contra os povos guerreando
e deixando-os vencidos
muito tristes, combalidos
fugindo em grande bando.

Os amalequitas, por exemplo
hoje são o maior dos povos

belas casas, prédios novos
e seu deslumbrante templo
mas no futuro contemplo
sua total destruição
eles não resistirão
à fúria do povo escolhido
seu reino será tolhido
vai sumir sua nação.

Falo também dos queneus
que moram num lugar seguro
confiantes no futuro
mas também dirão adeus
pois pela vontade de deus
também sumirão do mapa
quando os assírios, à socapa
chegarem destruindo tudo
seu canto ficará mudo
quando findar essa etapa.

E depois virão do norte
de Chipre, em seus navios
homens cruéis e sombrios
trazendo à Assíria a morte
mas sofrerão a mesma sorte
quando chegar sua hora
pois quem a Javé não adora
vai acabar destruído
morto, aleijado, fodido
com gonorréia e catapora.

Chega de tanto futuro
que já falei até demais
agora os deixo em paz
já vou-me embora, eu juro
não vou fazer jogo duro
não sou profeta de araque
mas deixem que eu emplaque
mais um punhado de versos
de pé quebrado, dispersos
pra me despedir de Balaque.

Balaque, chegou o momento

de eu ir embora daqui
mas quero me despedir
seu filho da puta avarento
não quero seu pagamento
prefiro viver pobre e nu
a ajudar um cão como tu
você é um cabra fuleiro
pode pegar seu dinheiro
e socar todo no cu.

Cantei meus noventa versos
de um jeito seco e duro
prevendo certo o futuro
de nações e povos diversos
os quais, por serem perversos
sairão todos de cena
causando a todo mundo pena
mas já estou quase sem bofe
só cantei mais esta estrofe
pra chegar a uma centena.

— Ufa, já posso lançar meu disco. Tchau, Balaque.

— Er... Tchau.

O POVO DE ISRAEL ADORA BAAL-PEOR

(Números 25)

Muito bem, onde é que estávamos? Ah, Balaão voltou pra Mesopotâmia, deixando Balaque na mão. Mas e os israelitas, o que andavam aprontando? Bom, eles perceberam que deus não falava mais com Moisés. Claro, andava ocupado compondo repentes para Balaão. Nem mesmo o narrador estava interessado no que acontecia no acampamento. Então eles olharam um para o outro e decidiram: "VAMOS TOCAR O PUTEIRO NESSA PORRA!"

Os israelitas estavam acampados num lugar chamado vale das Acácias, perto de Moabe. Então começaram a ir até os bares e boates de Moabe pra pegar mulher. Nego entrava no bar como quem não quer nada, ia até o balcão, escolhia uma mulher sozinha e atacava.

— Oi, tudo bem?

— Tudo bem.

— Qual o seu nome?

— fldkhflksaddakljadsljksda *[nome moabita impronunciável]*. E o seu?

— Fazanal.

— TÁ PENSANDO QUE EU SOU O QUÊ???

— Não, não! Meu nome é Fazanal!

— Nossa... Jura?

— Sim. Fazanal, seu criado.

— Puxa, deve dar muita confusão esse nome, né?

— É, dá sim. Mas às vezes até ajuda a queimar etapas. Eu chego me apresentando, "Prazer, Fazanal", e a garota já vai respondendo "Opa!".

— HAHAHAHAHA. De onde você é, Fazanal?

— De Israel.

— Israel? Onde fica?

— Israel fica em todo lugar. Saímos do Egito onde éramos escravos e estamos marchando em direção à Terra Prometida.

— UAU! Vocês que atravessaram o Mar Vermelho a pé?

— Sim, nós mesmos.

— Que têm um líder gago que tirou água da rocha?

— Sim, o velho Moisés.

— E que comem pão vindo do céu?

— Argh, nem me fale! Não agüento mais maná.

— Puxa vida... Achei que fosse tudo lenda.

— É nada, garota. Aliás, se você quiser a gente pode ir até a minha tenda. A gente toma um vinho e eu te conto nossas aventuras.

— Promete que conta?

— Prometo isso e muito mais.

— Ah, então vamos.

— Vamos. Só uma coisa... Faz anal?

— Opa!

E assim toda noite vários homens israelitas levavam mulheres moabitas para suas tendas e *cráu*. Até aí tudo bem, os caras tavam na seca, deus fez vista grossa. Só que em pouco tempo os hebreus começaram a ir até Moabe para acompanhar suas garotas em orgias em homenagem a seus deuses, principalmente um tal Baal-Peor.

Aqui cabe um parêntese: *baal* era a palavra para *senhor* nas principais línguas semíticas (hebraico inclusive). Então dizer que Baal era o deus dos moabitas faria tanto sentido quanto

dizer que Lord é o deus dos ingleses. Então Baal-Peor era o Senhor de Peor, o deus adorado naquela região. Aliás, esse Baal cananeu era uma divindade ligada aos cultos da fertilidade, os quais incluíam uma boa dose de putaria. Ah, bons tempos e lugares em que a putaria recebia as bênçãos da religião oficial!

Pois bem, se Javé já não queria saber de baal nenhum, por melhor que fosse, muito menos ia gostar de ver seu povo escolhido adorando um Baal-Peor...

PESCARAM? PESCARAM? PEOR!

— Ô Chicoteia, o Balaão já fez essa piadinha infeliz...

Bah! Então vamos em frente. Javé viu aquilo e ficou puto, é claro. Chamou Moisés e soltou o verbo:

— CARALHO, MOISÉS! PUTA QUE PARIU! Que que deu nesse povo bunda agora???

— S-s-sei n-não, Ja-Javé...

— Você não sabe de porra nenhuma! Olha aqui, só tem um jeito da minha raiva passar agora: você vai reunir todos os líderes do povo e enforcá-los em plena luz do dia.

— Ai c-caralho...

— Alguma reclamação, Moisés...?

— N-não...

— Então vai logo fazer o que eu mandei, caralho!

Moisés saiu do Tabernáculo e foi pensando num jeito de aplacar a ira de deus sem matar os líderes do povo. Afinal de contas, eles não tinham culpa se os israelitas tinham dado mancada. Então a ordem que Moisés deu aos líderes do povo foi um pouco diferente das instruções que recebera:

— E-escutem a-aqui. Ja-Javé m-mandou que eu e-enforcasse v-vocês p-por c-causa do p-pecado do p-povo. M-mas eu v-vou t-tentar l-livrar a c-cara de v-vocês. P-para i-isso, q-quero que c-cada lí-líder mate os ho-homens de s-sua tribo q-que f-foram adorar o d-deus dos mo-moabitas.

Esta ordem, apesar de tirar da reta o cu dos líderes, causou extrema tristeza entre o povo, é claro. Além do mais, Javé mandara uma epidemia que se alastrava rapidamente pelo acampamento, já tendo matado vinte e quatro mil pessoas. O remorso tomou conta dos israelitas, e todos eles se reuniram em frente ao Tabernáculo para chorarem e implorarem perdão àquele deus tão bom, com Moisés à frente de todos.

E não é que com todo esse clima pesado um tal de Zinri, chefe da tribo de Simeão, ainda teve coragem de levar uma mulher midianita para sua tenda? Muito cara-de-pau, esse Zinri. Só

que ele não contava com a astúcia de Finéias, filho do sacerdote Eleazar e neto do nosso saudoso Arão: Finéias viu Zinri se esgueirando pra dentro de sua tenda acompanhado da midianita, e foi atrás dele armado de uma lança. Ficou lá, só de butuca. Esperou que os dois tirassem as roupas e, quando Zinri traçava a mulher na popular posição do frango assado (que **uns e outros** chamam de galinha-choca), trespassou o casal feliz com a lança. A midianita (que se chamava Cosbi e era filha de Zur, eminente líder de Midiã) ainda deve ter pensado "Nossa, que grande!" antes de perceber que estava sendo penetrada por uma lança, e não pelo pau circuncidado de Zinri.

Danado esse Finéias, né? Pois Javé também achou: orgulhoso do zelo demonstrado pelo neto de Arão, fez cessar a epidemia e até se acalmou:

— Ê, Moisés! Esse seu sobrinho-neto aí é dos meus! Gostei desse cara. Pode dizer pra todo mundo que graças ao Finéias eu não vou matar ninguém no acampamento.

— F-fora os 24 m-mil que j-já e-esticaram as c-canelas...

— Como?

— N-nada...

— HUMPF! Olha, vai lá e diz pro Finéias que a partir de hoje ele pode se considerar meu amigo. E eu prometo que ele e seus descendentes sempre serão sacerdotes. Quanto a vocês, quando chegar a hora, quero que destruam completamente os midianitas. Entendeu?

— E-entendi.

— Então vamos botar uma pedra sobre esse assunto que eu tenho um trabalhinho pra você...

A SEGUNDA CONTAGEM DO POVO

*(**Números 26** - um capítulo escrito na maior má vontade)*

Era esse o tal servicinho que deus tinha para Moisés: fazer a contagem do povo. Então ele e Eleazar saíram contando todos os homens com mais de vinte anos, e o resultado foi o seguinte:

601.730 homens, contra 603.550 da primeira contagem. Mas essa diferença de 1.820 não significava nada: conforme deus prometera num de seus muitos momentos de ira, nenhum dos homens da primeira contagem estava vivo na segunda, com exceção de Josué e Calebe.

— *E o Moisés, Chicoteia?*

Moisés era levita, e os levitas eram contados separadamente por serem dedicados ao serviço religioso e por não possuírem terras. Aliás, o número de levitas contados com mais de um mês de vida foi de 23 mil.

De posse dos dados fornecidos por Moisés e Eleazar, Javé decidiu que a localização do futuro território de cada tribo em Canaã fosse determinado por sorteio, enquanto o tamanho seria proporcional ao número de habitantes. Veremos mais tarde que essa regra não foi cumprida à risca: no mapa antigo de Israel há tribos pequenas ocupando enormes extensões de terra e tribos populosas espremendo-se em territórios do tamanho de Osasco. Não duvido nada que tenha rolado um por fora pra Moisés (ou Josué) nessa história.

Mas falaremos disso quando chegar a hora. Por enquanto fiquem aí esperando a próxima bobagem não-bíblica que eu escrever. Bando de hereges. Bah.

AS FILHAS DE ZELOFEADE

*(**Números 27:1-11**)*

Zelofeade (caralho!) era um israelita da tribo de Manassés que morreu no deserto deixando cinco filhas: Macla, Noa, Hogla, Milca e Tirza (puta que pariu!). Como não havia filhos homens, as cinco irmãs foram solicitar a Moisés o direito à herança do pai. Vejam só que absurdo, até então ninguém havia pensado nisso. Mas Moisés falou com Javé, que decidiu que o que elas pediam era justo e que dali por diante as filhas teriam direito à herança dos pais, desde que (é claro) não houvesse filhos homens.

Bah, eu nem sei por que enfiaram essa história tão cheia de detalhes, com nomes e tudo, justamente neste capítulo. Deve ter sido para disfarçar o impacto da segunda metade do capítulo, a qual vou contar daqui a pouco.

Filhas de Zelofeade... Eu lá quero saber dessa família de nomes estranhos? A Bíblia tem umas coisas inexplicavelmente chatas mesmo!

JOSUÉ, O NOVO LÍDER DO POVO

*(**Números 27:12-23**)*

— Pô, Moisés, é cada problema besta que cê me traz. Essa das filhas do cara lá... Como era mesmo o nome dele?

— Z-Zelofeade

— Zelofeade... Nomezinho feio da porra! Mas então, essa foi demais.

— Hehehe... T-tem r-razão, Ja-Javé. A-acho que t-tô f-ficando v-velho.

— É, Moisés. Já tá com cento e vinte anos de idade, não é mais aquele jovem de oitenta aninhos que saiu todo serelepe do Egito.

— Q-quarenta anos... P-puxa v-vida. Dá p-pra e-escrever um l-livro com t-tantas hi-histórias que p-passamos, né, Ja-Javé?

— É verdade, é verdade. Eu, você e o velho Arão.

— A-Arão... C-coitado do A-Arão, m-morrendo sozinho no a-alto de uma m-montanha.

— Ué. E cê acha que vai morrer como?

— C-como?

— Você vai morrer no alto do monte Nebo, Moisés.

— HAHAHAHAHA. B-brincadeira besta, Ja-Javé. A-até p-parece que d-depois de q-quarenta a-anos de jo-jornada pelo d-deserto v-você ia me d-deixar mo-morrer justo a-aqui em Mo-Moabe, tão p-perto da T-Terra P-Prometida.

— Er... Não leve a mal não, Moisés. Mas lembra do episódio da água que saiu da rocha em Meribá? Naquela ocasião eu prometi que nem você nem Arão entrariam em Canaã.

— M-mas f-foi há t-tanto t-tempo!

— Tenho boa memória. Ah, e já que você falou em escrever um livro, é melhor se apressar. Vai organizando suas memórias aí da peregrinação pelo deserto, porque você não vai durar muito.

— P-PORRA, JA-JAVÉ!

— Sinto muito, Moisés. Se palavra de rei não volta atrás, imagine palavra de deus...

— Ah, é a-assim? E-então vou e-escrever lo-logo ci-cinco l-livros. D-desde a c-criação do m-mundo até a mi-minha morte.

— Como é que você vai escrever sobre a sua própria morte, Moisés?

— Hum... S-sei lá! Dou um j-jeito.

— Tá bom. Então apresse seu trabalho.

— Ô Ja-Javé! Isso é s-sério m-mesmo?

— Não, Moisés, é pegadinha. Olha a câmera ali. Lógico que é sério, caralho!

— M-mas... M-m-m-mas... Q-quem é que v-vai gui-guiar o p-povo?

— Pô, Moisés, cê já tá velho. Até aqui o negócio foi moleza, mas a tomada de Canaã vai ser uma guerra atrás da outra. Precisamos de um general jovem e inteligente para essa empreitada. Olhaí, acho que o Josué cumpriria bem esse papel.

— O JO-JOSUÉ??? Mas e-ele é só meu o-office b-boy!

— E você era só um gaguinho estressado, e veja no que se tornou. Tá decidido: Josué será o novo líder. Você vai reunir todo o povo e você e o sumo-sacerdote Eleazar anunciarão Josué como futuro líder.

— E d-depois?

— Depois eu vou só repassar meia dúzia de leis com você. Aí você vai escrever seus livros, fazer uns discursos, subir no Monte Nebo e peidar no fubá.

— P-PEIDAR NO F-FUBÁ?

— É. Bater as alpercatas. Gaguejar seu último suspiro. Vestir a túnica de madeira. Entregar a alma a mim. Comer maná pela raiz.

— M-maná não tem r-raiz.

— Bah, você entendeu.

A REPETIÇÃO DE DIVERSAS LEIS E RITUAIS

*(Números **28**,**29** e **30**)*

Vimos no último capítulo que deus anunciou a Moisés que ele morreria sem entrar em Canaã e que Josué seria seu substituto. Depois desse ato de bondade e justiça, Javé passou a repisar várias leis, para garantir que tudo seria feito conforme as regras mesmo depois da morte de Moisés. Então falou das ofertas diárias, dos sábados, da Festa da Lua Nova, da Páscoa, da Festa da Colheita, do Ano Novo, do Dia do Perdão, da Festa das Barracas e das leis para regular promessas e juramentos feitos pelos israelitas, tudo isso em exaustivos detalhes.

Este resumo pode parecer uma tentativa minha de apressar as coisas, mas não é: os três capítulos são **mesmo** mera repetição de passagens que já vimos. Não vou esgotar a paciência de vocês (nem a minha) falando tudo de novo.

E bola pra frente, que no próximo capítulo tem guerra.

A GUERRA CONTRA OS MIDIANITAS

*(**Números 31**)*

Antes de começar, convém um esclarecimento aqui: vocês devem ter notado, no capítulo em que se fala da putaria entre os israelitas e as mulheres moabitas, que o autor do livro dos Números trata moabitas e midianitas indistintamente. Talvez isso aconteça pelo fato de Moabe e Midiã terem sido países aliados. No capítulo em que Balaque manda chamar Balaão, por exemplo, vimos que antes de fazê-lo ele se consultou com os líderes midianitas, e que a caravana que foi buscar o profeta era formada por membros de ambos os povos. A impressão que dá é que se tratava de um sistema de livre comércio primitivo, algo como a União Européia no meio do deserto.

Dito isso, vamos em frente. Moisés estava triste num canto, pensando em sua morte próxima, quando deus veio falar com ele.

— Moisés!

— Q-que é?

— Você vai ordenar ao povo de Israel que se vingue do mal que os midianitas fizeram.

— Q-que mal os m-midianitas f-fizeram?

— CÊ TÁ CADUCO, MOISÉS??? Eles levaram meu povo para o mau caminho, fazendo-o adorar ao deus deles.

— Ah, i-isso.

— É, isso. E agora Israel vai guerrear contra os midianitas. Depois da guerra, você morre.

— ...

— Não ouviu o que eu disse, Moisés? **Depois da guerra, você morre!**

— B-bah! T-tanto f-faz.

— ...

— M-mais a-alguma c-coisa?

— Er... Não.

— E-então tá.

Conformado com seu destino, Moisés tratou de traçar os planos para a batalha. Convocou os líderes do povo e determinou que cada uma das tribos mandasse mil soldados para lutar. Então Moisés mandou para Midiã esses doze mil homens sob o comando de Finéias, o mesmo filho de Eleazar que matara o hebreu com a midianita em sua tenda. Para a batalha foram levados também os objetos sagrados e as trombetas para os sinais.

Os israelitas mataram todos os homens midianitas, inclusive os reis Evi, Requém, Zur, Hur e Reba. Ah, e mataram Balaão também.

— *BALAÃO???*

Hum... É. Balaão.

— *BALAÃO, O PROFETA?*

Claro, porra! Ou vocês conhecem algum outro Balaão?

— *Mas por que mataram o Balaão???*

E eu sei lá por que mataram o Balaão! Da última vez em que ele apareceu estava voltando pra sua terra às margens do Eufrates. Por que ele estava em Midiã quando da batalha é algo que me escapa. Pior é que depois ainda é dito que foi seguindo o conselho de Balaão que as mulheres midianitas e moabitas seduziram os homens de Israel. Acho que mataram o cara por acidente — isso acontece em pleno século XXI com o exército mais avançado do mundo, imagine naquela

época — e aí inventaram uma historinha para justificar. E vamos em frente, não tenho culpa dessas contradições da Bíblia.

Bom, além de matarem todos os homens, os israelitas levaram as mulheres e as crianças como prisioneiras, saquearam o gado e tocaram fogo nas casas e acampamentos midianitas. Voltaram vitoriosos para a planície de Moabe onde o povo de Israel estava acampado, levando os prisioneiros e o despojo de guerra para apresentarem a Moisés e Eleazar.

O líder e o sumo-sacerdote estavam reunidos com os líderes do povo quando viram o exército se aproximando e foram ao seu encontro. Vendo as mulheres midianitas no meio do exército, Moisés ficou muito puto:

— Q-que p-porra vo-vocês acham q-que e-estão f-fazendo???

— Ô, seu Moisés! Trouxemos *umas mulézinha* pra distrair a gente...

— D-DISTRAIR??? P-por causa d-dessas "mu-mulézinha" que Ja-Javé m-mandou uma e-epidemia que q-quase acaba com n-nossa r-raça!

— Ah, é...

— "Ah, é..."!

— Mas o que a gente faz agora, seu Moisés?

— Agora cês vão matar todos os meninos e as mulheres que não forem virgens e...

— Seu Moisés...

— NÃO ME INTERROMPA! Vão matar os meninos SIM, vão matar as rodadas SIM e não quero discussão, não quero saber de...

— Não é isso, seu Moisés, é que...

— CALA A BOCA! Tá querendo arrumar confusão comigo, seu fi...

— Seu Moisés, o senhor não tá gaguejando...

— ...lho da p-p-p... C-como?

— Esquece...

— E-então. M-mas vo-vocês p-podem d-deixar vi-viver as m-meninas e as mu-mulheres vi-virgens. S-são de vo-vocês como p-prêmio pela vi-vitória.

— EBA! PUTARIA!

— P-putaria é o c-cacete! V-vai to-todo mundo se p-purificar p-primeiro.

Os soldados então tiveram que ficar fora do acampamento, assim como suas prisioneiras e todos os objetos que com eles estavam. Ficaram fora sete dias, cumprindo todos os rituais de purificação.

Quando os soldados puderam finalmente entrar no acampamento, primeiro cairam na gandaia. Depois deus passou a Moisés as regras para divisão dos despojos. Coisa simples: Moisés e Eleazar deveriam fazer uma lista de tudo o que havia sido tomado dos midianitas, incluindo aí

as prisioneiras e os animais. Metade de tudo seria dos doze mil soldados, a outra metade deveria ser repartida entre o resto povo. Da parte pertencente aos soldados, 0,2% (um de cada quinhentos, tá certa minha conta?) seriam dados ao sumo sacerdote Eleazar. Da parte do povo, 2% (um de cada cinqüenta) seria entregue aos levitas.

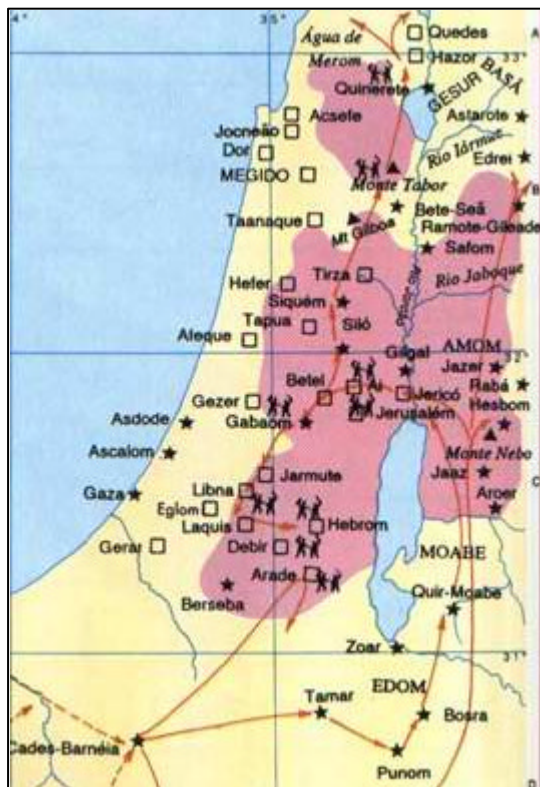
Moisés e Eleazar listaram tudo e chegaram a esta tabela:

Itens	Total	para os soldados	para Eleazar	para os levitas	para o povo
Ovelhas e cabras	675000	336825	675	6750	330750
Bois e vacas	72000	35928	72	720	35280
Jumentos	61000	30439	61	610	29890
Virgens	32000	15968	32	320	15680

Tá, eu sei que está quase ilegível. Mas vocês têm que compreender que isso foi há MILHARES DE ANOS, ok? Bom, quem se deu bem nessa foi Eleazar. Trinta e duas virgens só pra ele. O velho Arão não viveu o suficiente para ter uma alegria dessa.

Depois que já estava tudo dividido, os oficiais do exército vieram trazer a Moisés e Eleazar todo o ouro que haviam saqueado em Midiã. A oferta era uma demonstração de agradecimento pelo exército de Israel não ter sofrido sequer uma baixa em sua primeira campanha importante. O peso total do ouro trazido pelos oficiais para o Tabernáculo foi de 191 quilos. Ouro a dar com pau.

AS TRIBOS QUE FICARAM A LESTE DO JORDÃO

(Números 32)

No capítulo anterior vimos o povo de Israel massacrando os midianitas. Se nos lembrarmos da derrota de Arade, que reinava ao sul de Canaã, e de Seom e Ogue, respectivamente reis de Amom e Basã, notaremos que toda a região de Canaã a leste do Rio Jordão (à direita no mapa) já foi conquistada pelos israelitas.

Os chefes das tribos de Rúben e Gade também não tardaram a perceber isso. Notaram ainda que as terras de Jazer e Gileade eram boas para criação de gado e, como eram grandes criadores de vacas e ovelhas, foram falar com Moisés, Eleazar e os demais líderes do povo.

— Ô, seu Moisés. A gente tava aqui pensando: essa região aí das cidades de Atarote, Dibom, Jazer, Ninra, Hesbom, Eleal, Sebã, Nebo e Beom é uma terra danada de boa pra se criar gado. E o senhor sabe que a gente tem muito gado. Então o senhor bem que poderia deixar essa terra a leste do Jordão pra gente, né?

— Co-como que é o n-negócio??? Vo-vocês q-querem fi-ficar a-aqui enquanto o r-resto do p-povo se f-fode na **gue-gue**rra???

— Er... É.

— C-CARAS DE P-PAU! E-essa a-atitude de vo-vocês me f-faz le-lembrar de q-quando eu e A-Arão e-enviamos espiões para C-Canaã. Os c-caras fi-ficaram c-com medo, d-desanimaram o po-povo com suas n-notícias r-ruins. Aí o Ja-Javé fi-ficou m-muito puto e fez a ge-gente ficar v-vagueando p-pelo de-deserto por q-quarenta anos! E a-agora vocês q-querem deixar o Ja-Javé m-mais i-irado ainda???

— Ô, seu Moisés, também não precisa ser assim. Calma, calma... Olha, podemos construir aquios currais para o nosso gado e cidades para nossas famílias. Depois disso, iremos com o resto do povo lutar do outro lado do Jordão, deixando nossas esposas e filhos aqui. Só voltaremos quando todos os israelitas tiverem conquistado suas terras. E não vamos querer nenhuma terra daquele lado do rio, porque já teremos nossas cidades aqui.

— Ah, a-agora sim vo-vocês f-falaram algo que p-preste! Se é a-assim, p-preparem-se para a b-batalha. S-seus s-soldados v-vão a-atravessar o Jo-Jordão para guerrear ao la-lado dos o-outros i-israelitas. D-depois que ti-tivermos c-conquistado a terra, vo-vocês p-poderão voltar, p-pois terão cu-cumprido seu d-dever. M-mas c-cuidado: se v-vocês não cu-cumprirem e-essa p-promessa, a ira de Ja-Javé se v-voltará c-contra vo-vocês. E-então c-construam suas ci-cidades e cu-currais e de-depois cumpram o que p-prometeram.

— Pode deixar, seu Moisés. Nossas crianças, mulheres, ovelhas, cabras e todo o gado ficarão aqui, mas nós iremos para a guerra com vocês.

Satisfeito com a decisão dos homens de Rúben e Gade, Moisés repassou as instruções para Eleazar, Josué e os demais líderes:

— E-escutem a-aqui. Eu d-devo mo-morrer l-logo, mas q-quero que vo-vocês c-cobrem d-desses homens o que e-eles estão p-prometendo a-agora: e-eles vão a-atravessar o Jo-Jordão com vo-vocês p-para c-conquistarem as t-terras de lá. De-depois da b-batalha, vo-vocês da-darão a e-eles a t-terra de Gi-Gileade.

Os líderes anotaram as ordens, e os líderes das duas tribos entusiasmaram-se:

— Pode deixar, viu, seu Moisés? Vamos atravessar o Jordão com vocês e ajudá-los a derrotar os cananeus. Aí depois da guerra voltaremos para...

— P-para as ci-cidades de vo-vocês. A-acho que i-isso já fi-ficou bem c-claro, ch-chega de re-repetir. V-vamos fazer lo-logo a di-divisão das t-terras a l-leste do Jo-Jordão entre as t-tribos de R-Rúben e Ga-Gade e me-metade da t-tribo de Ma-Manassés.

— MANASSÉS??? Quem falou em Manassés???

— E-eu fa-falei em Ma-Manassés. E p-por e-enquanto q-quem m-manda aqui n-nesta po-porra s-sou eu.

— ...

Então Moisés fez a divisão das terras que antes pertenceram a Seom e Ogue entre as duas tribos e meia. Os homens da tribo de Gade reconstruíram as cidades de Dibom, Atarote, Aroer, Atarote-Sofã, Jazer, Jogbeá, Bete-Ninra e Bete-Harã. Construíram muralhas ao redor das cidades e também os tais currais. O mesmo fizeram os rubenitas com as cidades de Hesbom, Eleal, Quiriataim, Nebo, Baal-Meom (que teve seu nome mudado, claro. Nada de "baal" num nome de cidade israelita) e Sibma.

Quanto à meia tribo de Manassés, que entrou na divisão como Pilatos no Credo: o grupo descendente de Maquir, filho de Manassés, expulsou os amorreus de Gileade e ficou com aquela terra. Um tal Jair juntou seu grupo e conquistou alguns povoados amorreus, que passaram a se chamar povoados de Jair. E outro cara, chamado Noba, liderou seu grupo na conquista da cidade de Quenate, rebatizando-a com o nome de Noba. Criativos, esses caras.

DO EGITO ATÉ MOABE

(Números 33)

Vamos matar um capítulo rapidinho? Eba, adoro fazer isso...

Este capítulo fala da trajetória do povo de Israel desde o Egito até — adivinhem! — Moabe, onde estão agora esperando o grande momento da travessia do Jordão e invasão de Canaã. O capítulo é bem longo e cita o nome de cada cidade e lugarejo por onde os israelitas passaram durante seus 40 anos de peregrinação pelo deserto. Como sou bonzinho, em vez de falar aquele monte de nomes estranhos, boto um mapinha pra vocês:

O traçado em vermelho mostra o caminho mais provável percorrido pelos hebreus. As linhas pontilhadas marcam caminhos alternativos. O que mais chama a atenção é a tortuosidade do caminho. Claro, Javé estava <u>mesmo</u> disposto a fazer os caras andarem por 40 anos.

No final do capítulo, Javé passou a Moisés as instruções que ele deveria passar aos israelitas para a invasão. Claro, porque ele mesmo morreria antes da entrada em Canaã, como já

foi dito. Instruções simples: o povo deveria invadir Canaã com *sangue nos zóio*, destruindo tudo e expulsando todos os habitantes. Se os israelitas não fizessem direitinho segundo as instruções, a ira divina recairia sobre eles. Quanto à divisão das terras, Javé voltou a dizer que seria feita por sorteio e proporcionalmente.

Como veremos mais tarde, nem a total expulsão dos cananeus nem a divisão justa da terra aconteceram. Sei não, sei não... Moisés, totalmente desmotivado, só andava pelo acampamento usando sua túnica de protesto, na qual se lia:

EU TIREI OS HEBREUS DO EGITO,
ATRAVESSEI O MAR VERMELHO,
TIREI ÁGUA DA PEDRA,
ME ALIMENTEI SÓ DE MANÁ,
PASSEI 40 DIAS NO SINAI
ANOTANDO UMA CARALHADA DE LEIS,
SUPORTEI APORRINHAÇÃO DESSE POVO BUNDA,
ANDEI NO DESERTO POR 40 ANOS
E TUDO O QUE EU GANHEI FOI ESTA TÚNICA IDIOTA
E A PERSPECTIVA DE UMA MORTE MELANCÓLICA
NO ALTO DO MONTE NEBO...
DEUS É FIEL!

Ainda bem que Moisés usava túnica, numa camiseta não ia caber tudo. Mas eu dizia: desmotivado como estava, deve ter "esquecido" de repassar as instruções de Javé para o povo. Malandrão, esse Moisés.

AS FRONTEIRAS DO PAÍS E OS RESPONSÁVEIS PELA DIVISÃO DA TERRA

*(**Números 34**)*

— Ô Moisés.

— Fala, Ja-Javé.

— Eita! Que porra de túnica é essa?

— L-lê, ué.

— Hum... *zbreus zegito... pedra... blablablá povo bunda... monte nebo...* Ô Moisés, cê tá pensando que é o quê?

— Tô p-pensando n-nada n-não, a-apenas u-usufruindo do meu d-direito de p-protestar.

— E quem foi que disse que você tem o direito de protestar???

— EU d-disse. Eu a-ainda sou l-líder desta p-porra. Se n-não g-gostou, a-acaba lo-logo com a m-minha r-raça.

— HUMPF. Vontade não me falta, Moisés. Mas vai ser mais legal se você morrer no Monte Nebo mesmo, vendo a tão ansiada Terra Prometida...

— Fi-filho da p-puta...

— O que você disse???

— FILHO DA PUTA!

— Moisés, Moisés... Cê tá mais folgado que seu irmão Arão, que eu o tenha. Bom, vou deixar passar, não gosto de chutar cachorro morto. Vamos trabalhar. Quero falar pra você das fronteiras do país depois que vocês conquistarem Canaã e... Opa, foi mal. Você não vai entrar lá, né? Hehehe...

— N-não f-fode, Ja-Javé...

— Porra! Antigamente você tinha senso de humor... Bom, a fronteira do sul irá desde o deserto de Zim ao longo da fronteira de Edom. No leste ela vai começar ali na ponta sul do Mar Morto, depois voltará para o sul, passará por Zim até Cades-Barnéia. Em seguida vai passar ali por... Bah, quer saber? Vou fazer um mapa aqui e já te passo.

— Ah b-bom... Não e-estou c-com sa-saco de f-ficar de-desenhando.

— Nem eu de ficar descrevendo. Além do mais eu estou me adiantando: antes de dividir a terra, é necessário que vocês saibam quem vai fazer a divisão.

— U-ué... E-eu e o E-Eleazar p-podemos fa-fazer isso.

— Não podem não. Primeiro porque até lá você já terá peidado no fubá.

— Hu-humpf...

— Então a divisão será feita por Eleazar, Josué e um líder de cada uma das nove tribos e meia, já que Rúben, Gade e metade de Manassés já se adiantaram e ficaram com estas terras aqui. Pega aí a lista dos líderes:

Os líderes responsáveis pela divisão da terra

Tribo	Líder
Judá	*Calebe, filho de Jefoné*
Simeão	*Samuel, filho de Amiúde*
Benjamim	*Elidade, filho de Quislom*
Dã	*Buqui, filho de Jogli*
Manassés	*Haniel, filho de Éfode*
Efraim	*Quemuel, filho de Siftã*
Zebulom	*Elisafã, filho de Parnaque*
Issacar	*Paltiel, filhos de Azã*
Aser	*Aiúde, filho de Selomi*
Naftali	*Pedael, filho de Amiúde*

— P-peraí. D-dois fi-filhos de A-Amiúde? Que fa-favorecimento é e-esse?

— Não seja burro, Moisés. Como é que um cara só pode ser das tribos de Simeão e Naftali ao mesmo tempo? O negócio é que Amiúde é um nome muito comum por esses dias. Não lembra da primeira contagem do povo, quando o responsável pela contagem na tribo de Efraim era um tal Elisama, filho de Amiúde?

— R-recordo va-vagamente.

— Então é isso: são dois Amiúdes diferentes. Um é de *Chão de Giz* e o outro é de *Geni e o Zepelim*.

— CO-COMO???

— Bah, cê não manja nada de *Qual é a música*... Bom, então é isso.

— E o m-mapa, Ja-Javé?

— Que mapa? Ah, o mapa! Toma, pega aí:

— Hum... T-tá meio a-apagado e-esse m-mapa.

— Não torra. E vamos em frente, temos outros detalhes geográficos para tratar.

AS CIDADES DOS LEVITAS E PARA OS FUGITIVOS

*(**Números 35**)*

— Putz, Moisés, ia me esquecendo de um negócio!

— O q-quê?

— As cidades para os levitas.

— P-para os le-levitas? Mas v-você não vi-vive d-dizendo que os le-levitas não vão t-ter di-direito a t-território, que os l-levitas são s-seus e o c-caralho a q-quatro?

— Ô, Moisés... Eles não vão receber um território grande como das outras tribos, mesmo porque têm que viver espalhados por todo o Israel. Mas você quer o quê, que eles vivam como ciganos?

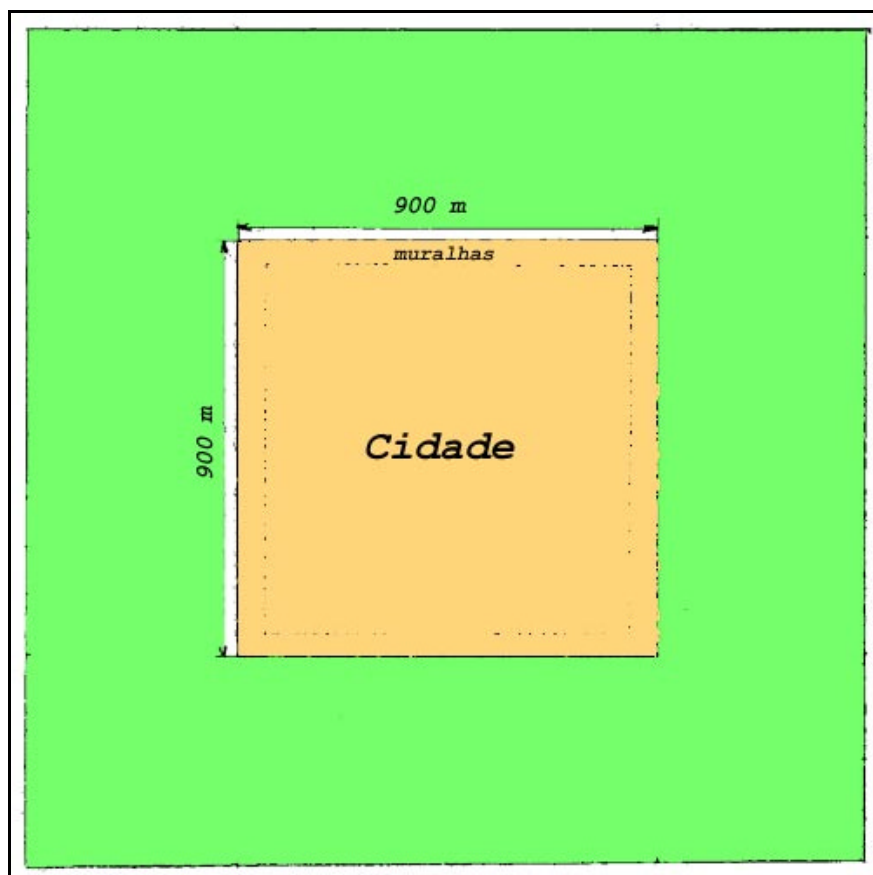
— Q-que mal t-tem em ser ci-cigano? Vê o Si-Sidney M-Magal, ou o B-Benito Di P-Paula, ou o... Er... E-esquece.

— Pois é. E você também é levita, esqueceu? Ia querer viver vagando por aí?

— P-peraí! Q-quer dizer q-que eu vou e-entrar na T-Terra P-prometida???

— Ah, é! Tinha esquecido. Que cabeça, a minha...

— Hu-humpf!

— Hehehe. Olha, tá aqui a planta das cidades para os levitas:

— D-desenhozinho t-tosco, hein, Ja-Javé? P-puta que p-pariu...

— Não torra, Moisés. Fiz isso às pressas só pra você entender. A parte em ocre é a cidade, um quadrado de 900 metros de lado. A parte em verde são os pastos que ficarão em volta da cidade, a uma distância de 450 metros da muralha nas quatro direções. Vocês vão construir 48 dessas cidades espalhadas por todo o território de Israel, sendo seis delas cidades para fugitivos.

— Ci-cidades para f-fugitivos???

— Já explico, porra. Não me interrompe. Bom. Cada tribo terá um número de cidades de levitas proporcional ao tamanho do seu território.

— ...

— Que foi?

— Já a-acabou?

— Hum... Já, ué.

— D-dá pra e-explicar que n-negócio é esse de ci-cidades para os fu-fugitivos?

— Ah, é. O negócio é o seguinte: todo assassino será condenado à morte, já falamos bastante disso. Mas pode acontecer de algum zé-mané aí matar outro por engano, sem querer. Acidentes infelizes acontecem. Nesses casos, o povo julgará a favor do que matou, e este vai se refugiar numa dessas seis cidades, ficando lá até a morte do Sumo Sacerdote. Isso será feito para evitar que algum parente da vítima resolva vingar-se. Mas aí o cara tem que ser esperto: se sair da cidade de refúgio e o tal parente da vítima o encontrar, este poderá matá-lo e não será culpado. Neguim vacilou, amanhece com a boca cheia de formiga, é um-dois pra subir.

— Q-que p-porra de l-linguagem é e-essa, Ja-Javé???

— Aham... Foi mal, tava ouvindo uns *raps* hoje. Então é isso, Moisés. Estamos quase terminando. Ao final você poderá descansar bastante.

— É o q-que ve-veremos...

— Moisés, Moisés... Que cê tá aprontando?

— Ué, v-você não é o s-sabichão? T-tenta a-adivinhar...

A HERANÇA DAS MULHERES CASADAS

*(**Números 36**)*

Sei não, mas o tal Zelofeade ou tinha muito dinheiro ou suas filhas eram umas beldades incomparáveis. Só assim para se explicar que o livro dos Números tenha dois trechos grandes dedicados a Macla, Tirza, Hogla, Milca e Noa, filhas de Zelofeade. No primeiro, ficou decidido que as cinco moças teriam direito à herança do pai. Neste agora, os chefes da meia tribo de Manassés que ficara com o território de Gileade vieram falar com Moisés a respeito das irmãs:

— Seu Moisés, deus ordenou que nossos territórios fossem distribuídos por sorteio, e também que as filhas do Zelofeade herdassem as terras do pai, certo?

— Ce-certo.

— Então. Agora suponha que elas se casem com homens de outra tribo. A terra delas passará a pertencer aos maridos, e portanto à sua tribo. E então no próximo Ano de Libertação, a propriedade será deles definitivamente. Se a moda pega, vai ser um troca-troca danado de terras entre as tribos. Imagine o senhor as tribos de Israel espalhadas pelo mapa do país, e não cada uma em seu lugar, como deve ser.

— P-putz... Não t-tinha p-pensado nisso. V-vou f-falar com o Ja-Javé s-sobre isso.

Moisés assim o fez e Javé deu razão as homens da tribo de Manassés. Para evitar que um país dividido politicamente em tribos se transformasse a longo prazo num território caótico disputado entre pequenos grupos familiares, determinou que toda mulher israelita que possuísse terras deveria se casar com homens de sua própria tribo. Então as cinco donzelas de nomes estranhos se casaram com filhos de seus tios paternos.

E assim termina o livro dos Números. Não, não estou brincando: o livro termina dessa forma besta mesmo, falando mais uma vez das filhas de Zelofeade. Mas consigo enxergar uma razão para isso: Conforme ficara combinado, depois que os homens das duas tribos e meia a se assentarem a leste do Jordão tivessem construído as cidades para abrigarem suas esposas e filhos e os estábulos para protegerem seu gado, cruzariam o rio para batalharem junto com o resto do povo de Israel. O fato de já estarem discutindo assuntos familiares (como esse das cinco irmãs), demonstra que o processo de assentamento já estava avançado. Sendo assim, já estava quase tudo pronto para a invasão de Canaã. Moisés, porém, não pisaria em Canaã, como sabemos. Então quer dizer que Moisés morre agora? Hum... Não exatamente. Aos 120 anos de idade, Moisés era tudo menos bobo. E tinha um truquezinho na manga para engambelar Javé por algum tempo ainda. Que truque era esse? Falaramos dele no próximo livro, o Deuteronômio.

Iniciado em 3 de abril de 2003
Concluído em 9 de setembro de 2003